

Semanário

Director:  
António Dias Lourenço

Ano 57 - Série VII - N.º 709  
30 de Julho de 1987  
Preço: 50\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

# CDU ELEGEU DEPUTADO POR COIMBRA

Obtendo 17 394 votos no círculo eleitoral de Coimbra, a CDU vê assim aumentar para 31 o número dos seus deputados na próxima AR. A notícia só foi confirmada anteontem à tarde depois da reunião da assembleia de apuramento distrital do círculo de Coimbra

Pág. 5/Semana

# CONSELHO NACIONAL DA CGTP/IN MANIFESTA CONFIANÇA NA FORÇA UNITÁRIA DOS TRABALHADORES

Pág. 1/Semana



# Lei do mecenato: mais cultura ou mais lucros?...

Págs. 4 e 5/Em Foco



«A campanha juvenil da CDU criou sólidos laços de amizade e fraternidade entre os jovens que nela participaram e um estilo próprio de intervenção social e política que deverá prosseguir para além da campanha. A Direcção Nacional da JCP congratula-se com a decisão de realizar em Outubro um **Encontro dos Jovens da CDU**, que seja festa, convívio, debate e permita que os jovens que na CDU se encontraram se mantenham juntos e prossigam uma intervenção criativa e dinâmica de actividade juvenil. Na nova situação criada com as eleições de 19 de Julho assume importância decisiva a união dos jovens na defesa dos seus direitos e pela concretização das suas legítimas aspirações.»

Da Resolução da Direcção  
Nacional da JCP sobre as  
eleições de 19 de Julho

Págs. 1, 2 e 3/Em Foco

## Uma força serena

**E**stabilidade é uma palavra a que as eleições para a Assembleia da República vieram conceder uma particular popularidade.

No entender de diversos analistas políticos (e não só de direita), ao anseio de estabilidade se ficaria a dever a parte de leão das explicações para a vitória do PSD. O eleitorado — dizem — votou essencialmente na estabilidade, na perspectiva de um governo estável, de uma continuidade governativa, na tranquilidade.

Cavaco Silva e o PSD seriam — acrescentam — tudo isso. A oposição — mais dizem os comentadores — teria sido penalizada por não oferecer nada disso ao eleitorado.

**E**sta voga do conceito estabilidade e a sua utilização como explicação para os resultados eleitorais do passado dia 19 merece diversas considerações.

É claro que seria evidente desconhecimento da realidade ignorar que, após dez anos de perturbação política provocada pela política da direita no poder, o povo português anseia tranquilidade, condições para viver e trabalhar com segurança, segurança no emprego, garantias quanto à sua saúde ou a educação dos seus filhos — e etc.

Mas o que interessa saber é como é que Cavaco Silva pôde surgir aos olhos do eleitorado como correspondendo a tais anseios.

**A** análise do Comité Central do PCP aponta motivos para a vitória eleitoral do PSD que têm a força da evidência.

O Governo Cavaco Silva contou durante o seu ano e meio de exercício com uma das mais favoráveis conjunturas económicas internacionais de que jamais a economia portuguesa foi objecto. Tudo se conjugou para aliviar pressões sobre a nossa economia, tudo se conjugou para que — sem que para tanto nada tivessem feito — os governantes do PSD pudessem distribuir benesses num ritmo de campanha eleitoral — que durou dezoito meses!

Em segundo lugar, o Governo Cavaco Silva contou com um precioso brinde proporcionado pelo Presidente da República: derrotado na Assembleia da República e enfrentando umas eleições legislativas num calendário que não era o que desejava e preparava, foi-lhe proporcionado manter as alavancas do poder enquanto governo de gestão para as utilizar para uma campanha eleitoral onde tudo foi jogado: os dinheiros do Estado, a Comunicação Social do Estado, os poderes do Estado, a sedução do Estado.

Como se tudo isto não fosse suficiente, o Governo Cavaco Silva contou ainda com uma preciosa ajuda: pela insistência em erros e equívocos por parte do Partido Socialista e do PRD, as forças democráticas não foram capazes de apresentar ao eleitorado uma alternativa credível a um PSD que surgia fortalecido pela sua própria presença no poder, unificado pela necessidade de lá se conservar.

**N**a melhor das hipóteses, não estaríamos assim perante a expressão acabada de um voto na estabilidade dado a uma força política que a protagoniza: estaríamos perante uma situação em que uma força política — a direita e o PSD — conseguiu, por recurso a circunstâncias favoráveis e à manipulação do poder, apresentar-se como protagonista de um anseio de que é exactamente a antítese.

Mercê de condicionamentos económicos internacionais favoráveis e de objectivos eleitoralistas confessados, o Governo Cavaco Silva rodeou a sua política durante ano e meio de aspectos aparentemente sedutores. Nas semanas que imediatamente precederam as eleições foi mesmo um festival de pagamentos de subsídios, de inaugurações fictícias, de anúncios de benesses adiadas, de promessas a cumprir, de migalhas anunciando banquetes que jamais chegarão.

Mas o programa que se anuncia nem sequer é equívoco.

**A** política que Cavaco Silva anuncia para o seu próximo governo é a de confrontação com o regime económico constitucional. Destruição do sector público, destruição da reforma agrária, destruição das leis favoráveis aos pequenos agricultores, alteração da legislação laboral no sentido de liberalizar os despedimentos e agravar a instabilidade do emprego, etc.

Que estabilidade se pode esperar de tal acção?

Os trabalhadores vão passivamente aceitar a eliminação dos seus postos de trabalho por dismantelamento das empresas? Os pequenos agricultores vão passivamente aceitar a eliminação das suas explorações agrícolas em nome dos ditames da CEE? Os empregados vão passivamente aceitar que possam ser despedidos conforme o patronato muito bem entenda, sem qualquer defesa ou garantia, em nome da «flexibilização do mercado de trabalho»? As populações vão passivamente aceitar que se destrua a legislação sobre baldios nascida no Portugal de Abril e que corresponde, finalmente, a séculos de luta?

É evidente que desta política há tudo a esperar — menos estabilidade. Há a esperar o agravamento das condições de vida — e a luta contra ele.

**M**as a política anunciada por Cavaco Silva é igualmente a da subversão do quadro institucional criado pelo Portugal de Abril. É a restrição de liberdades e garantias, a alteração do sistema de representação proporcional nos actos eleitorais, a alteração da lei eleitoral, o reforço das legislações sobre «segurança interna», o reforço dos poderes das várias polícias e serviços secretos entretanto criados, a alteração de leis aprovadas pela Assembleia da República mas que o Governo considera desfavoráveis aos interesses que defende. É o prosseguimento do apoio aos movimentos terroristas que agridem as populações de Angola e Moçambique, é o prosseguimento do alinhamento com a política do imperialismo.

Que estabilidade se pode esperar de tal acção?

Os democratas irão passivamente aceitar que os serviços secretos escutem as suas conversas telefónicas ou as polícias lhes entrem pela casa adentro conforme os ministros do Interior dos governos Cavaco Silva entendam? O povo português estará de acordo em que a História ande para trás a mando dos deputados do PSD, negando as liberdades conquistadas com Abril, repondo leis eleitorais de burla, servilismos internacionais, intolerâncias e perseguições?

É evidente que desta política há tudo a esperar — menos estabilidade. Há a esperar a tentativa de destruir a democracia — e a luta para a defender.

**E** nenhuma destas afirmações, como é evidente, pode sequer ser acusada de ser processo de intenções.

O Governo Cavaco Silva continua em gestão, não é ainda o governo saído do resultado eleitoral do dia 19: mas as coisas começaram a mudar, com um significativo despudor.

Se alguém tinha dúvidas que eram motivações eleitorais as que regiam o Governo até há quinze dias e que é a subversão do Portugal de Abril o que a partir de agora o rege, basta ver.

Uma semana decorreu e os preços começaram a subir. As portagens das auto-estradas — para começar. Os jornais também. Fala-se noutros aumentos.

Na Siderurgia assinou-se um protocolo que prevê dois mil despedimentos.

A polícia e os agentes do Estado assaltam as televisões e rádios que fogem ao monopólio informativo do poder e da direita — poucas horas depois de Cavaco Silva já não precisar de arvorar moderação...

Estabilidade?!...

**E**sta insanável contradição entre o apresentado e propagandeado antes das eleições e os reais objectivos da direita lança nova luz sobre as palavras moderadas de Cavaco Silva após a vitória eleitoral.

Naturalmente que, uma vez mais, se trata de uma operação de cobertura para uma política contrária nos actos às palavras que se apregoam — mas não só.

Estamos também face à consciência de uma contradição insanável: Cavaco Silva sabe que a base eleitoral que saiu das últimas eleições não corresponde à base social de apoio da política que pretende pôr em prática.

Quando Cavaco Silva diz que «a nossa vitória não é a derrota de ninguém» o que pretende a todo o custo é evitar que os que nele votaram por apolarem de facto a sua política manifestem a sua agressividade de tal forma que desde já revelem o erro cometido aos muitos por cento que nele votaram equivocadas.

Cavaco Silva talvez saiba, e nós sabemos de certeza, que as contradições na sua base eleitoral vão estoirar a breve prazo.

Será pela luta dos que a breve prazo irão ver defraudadas as esperanças postas no voto e pelos que a breve prazo irão exigir o pagamento das ambições por detrás do seu voto.

# Resumo

## 23 Quinta-feira

Termina reunião do CC do PCP que aprova um documento sobre os resultados eleitorais e as tarefas imediatas



do Partido após as eleições de 19 de Julho. ■ Reúne-se a Comissão Política do PS para, além dos resultados das eleições, apreciar as alterações a nível da Comissão Permanente face às decisões de auto-suspensão por parte de Sottomayor Cardia e Manuel Alegre. ■ PSD aprova na Madeira uma moção que solicita a abertura de um inquérito à Comissão Nacional de Eleições por considerar entre outros que esta pretendeu a «continuidade da propaganda eleitoral ao entender que as Câmaras municipais não deveriam usar da sua competência legal de limpeza das áreas sob a sua jurisdição. ■ Polícia do Bangladesh dispara sobre manifestantes em Dacca, no segundo dia de uma greve geral de 54 horas. ■ A taxa de desemprego em França pula de 3,5 por cento em 1975 para 10,7 por cento em 1987, revela inquérito hoje divulgado pelo Fundo Nacional de Estatística e dos Fundos Sociais daquele país. ■ Primeiro-ministro da Zâmbia, exorta os países membros da Conferência Coordenadora para o Desenvolvimento da África Austral a apoiarem o projecto de reabilitação e expansão do corredor da Beira.

## 24 Sexta-feira



«Trabalhadores vão com determinação cerrar fileiras, na defesa dos seus interesses de classe e para a defesa da democracia» — anuncia a CGTP-IN numa conferência de imprensa efectuada no final da reunião do Conselho Nacional da central sindical. ■ Credores da Companhia de Fornos Eléctricos chegam a acordo para a viabilização da empresa que se encontra paralisada há mais de oito meses. ■ O Comando-Geral da Guarda Fiscal confirma a anulação do mandato de captura a Rui Nabeiro após um banco nacionalizado ter garantido o pagamento da caução de 300 mil contos. ■ Na Grécia, devido às elevadas temperaturas, morreram mais de cem pessoas, informam fontes hospitalares em Atenas. ■ Alexei Obukhov, vice-

-presidente da delegação soviética em Genebra, afirma que a assinatura de um acordo sobre mísseis de médio e curto alcance depende apenas do desmantelamento pelos Estados Unidos das 72 ogivas colocadas nos



Pershing 1-A estacionados na RFA. ■ Mina no Golfo Pérsico abre um rombo no superpetroleiro «Bridgeton» que se dirigia para a o Koweit escoltado pela marinha de guerra norte-americana.

## 25 Sábado

Eurico de Melo, ministro de Estado e da Administração Interna, afirma em entrevista à RDP que o próximo governo pretende a redução do sector industrial. ■ Conselho do CDS decide substituir a Comissão Permanente por uma Comissão Executiva presidida por Adriano Moreira em resultado da primeira se ter demitido. ■ Termina em Santa Margarida, na presença de Mário Soares, o exercício militar «Orion 87», que envolveu 11 mil homens, duas mil viaturas e custou 33 mil contos. ■ Em Itália os cinco partidos da anterior coligação governamental chegam a acordo sobre o apoio ao programa do primeiro-ministro indigitado, Giovanni Goria. ■ Ronald Reagan volta a defender a necessidade de os Estados Unidos reforçarem o apoio aos terroristas antinicaraguenses. ■ O governo sudanês decreta o estado de emergência em todo o país por um período de um ano, para combater o mercado negro e o tráfico de armas.

## 26 Domingo

A Organização dos Açores do PCP acusa o PSD de ali ter manipulado e influenciado o sentido do voto nas últimas eleições. ■ A JCP apela em conferência de imprensa ao reforço da unidade entre a juventude contra a política de direita. ■ As populações da ilha da Culatra, concelho de Faro, e da freguesia de Barão de São João, concelho de Lagos, voltam a boicotar as eleições como forma de apoiar reivindicações locais. ■ Vaga de calor na Grécia continua a provocar mortos que agora se cifram em pelo menos 700 pessoas. ■ O governo francês manda preparar o Grupo de Toulon para partir dentro de 24 horas para o Golfo Pérsico. ■ O primeiro cosmonauta sírio, Mohamed Faris, saúda to-



dos os árabes, a partir da estação espacial soviética «Mir». ■ Nas Filipinas o Novo Exército do Povo toma um campo das forças paramilitares em Tapalayan, matando pelo menos sete militares. ■ O exército paquistanês entra em estado de alerta e participa nas acções repressivas da polícia contra os manifestantes que exigem medidas contra a violência policial.

## 27 Segunda-feira

Trabalhadores da Facar, empresa metalúrgica de Leça da Palmeira, em Matosinhos, cortam o trânsito frente à empresa e exigem esclarecimentos acerca do futuro daquela unidade fabril. ■ A Comissão Política Nacional da Juventude Centrista anuncia a sua demissão para o próximo sábado, durante os Trabalhos do Conselho Nacional Extraordinário. ■ Mário Soares afirma em entrevista ao jornal de Roma «La Republica», que «como homem e como político» Cavaco Silva não «é propriamente de direita». ■ Altas patentes militares norte-americanas salientam o valor estratégico dos Açores para os EUA durante a cerimónia de mudança de comandos na base das Lajes. ■ Rádio Nacional de Cabo Verde denuncia reunião de um grupo anti-caboverdiano denominado União Caboverdiana Independente e Democrática a decorrer em Portugal e relaciona-a com a tentativa de «criação de um clima de instabilidade» no País. ■ Kenneth Kuanda, chefe de Estado da Zâmbia é eleito presidente da Organização de Unidade Africana. ■ Corazon Aquino abandona poderes legislativos com a abertura do Congresso nas Filipinas. ■ Chefe do governo da Baviera, Franz-Josef Strauss, afirma que um navio de guerra alemão-federal poderá ser enviado para o Golfo.

## 28 Terça-feira

Coimbra elegeu deputado CDU, em detrimento do PSD, em resultado da recontagem de votos ■ Duas dirigentes da Federação Nacional dos Professores (Fenprof) foram eleitas para as comissões executivas da Federação In-



ternacional dos Professores do Ensino Primário (FIAI) e da Federação Internacional de Professores do Ensino Secundário Oficial (FIPESO) ■ A CEE reconheceu que haverá despedimentos em Setúbal nos sectores naval e metalúrgico, em consequência das reestruturações ligadas ao processo de integração ■ O ministro francês da Defesa admitiu o envio da frota francesa de Toulon para o Golfo ■ Os Estados Unidos anunciaram formalmente em Genebra a sua disposição de aceitar a proposta soviética de «dupla opção zero global», que prevê a eliminação dos mísseis nucleares de curto e médio alcance, tanto na Europa como na Ásia soviética e no Alasca.

A CIP, a CAP, o grande capital, o imperialismo já batem à porta a pedir a liquidação da factura — e depressa. A direita berra que o 25 de Abril acabou. Têm pressa.

É natural. Eles sabem que nem é preciso que a ilusão se desfaça: a luta já continua.

Porque no Portugal de Abril as razões para a tranquilidade e a estabilidade não estão à direita.

O PSD ganhou votos, mas sabe que não ganhou o efectivo apoio político nascido da identificação da sua política com novas bases sociais.

O PCP perdeu votos, mas sabe que não perdeu o efectivo apoio político nascido da identificação da sua política com a sua base social de apoio.

A direita não ganhou votos ganhando o electorado para a sua efectiva política. É caricato ver-se como dirigentes do PSD se desfazem em argumentações para explicarem que o seu partido é de esquerda, de centro-esquerda, de centro — enfim, de tudo, menos de direita...

O dr. Mário Soares, que a Cavaco Silva ofereceu o trunfo eleitoral de ser governo de gestão, faz coro nesta campanha dizendo que Cavaco Silva não é de direita — pelo contrário...

E Cavaco Silva não disse ao electorado que ia implementar polícias, destruir a reforma agrária, liquidar o sector público, facilitar os despedimentos — e etc.

Falou em «futuro», «estabilidade», «modernização», «bem estar» — valores e projectos que seguramente não são os da direita.

Houve, em suma, uma deslocação eleitoral importante que não se traduz numa idêntica deslocação política.

Dá que, no PCP, a situação seja de serenidade.

Serenidade que contrasta, por exemplo, com o vozear «hegemónico» de um PS que grita ter recuperado 7% do electorado que perdeu e 1985 para não ter que explicar porque não recuperou os restantes 93%...

Mas tal serenidade não significa, é claro, passividade. Há muita coisa a aprofundar e a estudar. Há sem dúvida insuficiências. Há seguramente fenómenos novos e situações em evolução que o quotidiano empenho na luta tornou talvez menos evidentes ou impediu que fossem aprofundados como devido.

Não é uma exigência nova. Temos o hábito, ancorado na experiência, na organização, no trabalho colectivo, de estudar, aprofundar, ouvir, confrontar opiniões, extrair conclusões, apresentar propostas, discutilas, aprová-las.

E pô-las em prática.

Temos a consciência, ancorada na realidade e na luta, de que todas as eleições legislativas são política, tal como temos a consciência, ancorada na realidade e na luta, que nem toda a política são eleições legislativas.

Estamos, serenos, a ver o que na realidade — mudou. Porque estamos, determinados, na luta — que continua.

**Avante!**  
Proletários de todos os países UNI-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 - Lisboa  
CODEX. Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 Lisboa  
CODEX  
Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO:  
Av. Santos Dumont, 57-3.º  
- 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO:  
CDL, Central Distribuidora Livreira,  
SARL Serviços Centrais: Av.  
Santos Dumont, 57 - 2.º -  
1000 Lisboa  
Tel. 77 98 28/77 98 25/76 97 51

Casa da Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 - 1200 Lisboa  
Tel. 37 22 38

Centro Distribuidor de Évora:  
Alcarvoa de Baixo, 13 - 7000 Évora  
Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro:  
Rua 1.º de Dezembro, 23 -  
8000 Faro  
Tel. 24417

Delegação do Norte  
Centro Distribuidor do Porto:  
R. Miguel Bombarda, 57B -  
4000 Porto  
Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra:  
Terreiro da Erva, 6 - 3000 Coimbra  
Tel. 28394

ASSINATURAS:  
Av. Santos Dumont, 57-4.º, Esq.º  
- 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO:  
R. João de Deus, 24 - Venda Nova  
2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL:  
Alameda St.º António dos Capuchos,  
6-B - 1100 Lisboa. Tel.  
77 69 36/77 67 50  
Porto - Rua do Almada, 18-2.º,  
Esq.º  
- 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Composto e impresso na Heska Portuguesa - R. Elias Garcia, 27  
Venda Nova - 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/85

## Sérias ameaças sobre o emprego

# Grandes unidades industriais perto da falência no Norte

Decorre hoje no Norte do País uma reunião que pode salvar ou destruir 900 postos de trabalho. Ao mesmo tempo que Eurico de Melo se pronuncia publicamente, em nome do próximo Governo, pela redução do sector industrial, designadamente o têxtil, a D. Ferreira, SA, unidade desse ramo com sede em Arcozelo, perto do Porto, corre o risco de encerrar por falência, que tem a ver directamente com a posição assumida pela Segurança Social (gestão financeira) dependente, como se sabe, do Ministério do Trabalho. A reunião de hoje entre os credores da D. Ferreira coincide com a movimentação sindical nessa empresa e na Facar, outra grande unidade industrial do Norte, mas do sector metalúrgico, onde as ameaças sobre o emprego têm vindo a crescer, afectando entre 300 e 400 trabalhadores.

Na segunda-feira passada, os trabalhadores da Facar, de Leça da Palmeira, cortavam o trânsito e concentravam-se em frente à sede da empresa, depois de a EDP cortar mais uma vez a energia eléctrica na fábrica.

A Facar, devolvida ao capital privado depois de um processo de intervenção es-

tatal, emprega cerca de mil trabalhadores.

A «iniciativa privada», de que se manifesta indefectível defensor o ministro Eurico de Melo e o seu Governo, continua a dar destas provas de «vitalidade», que se resumem, nos casos vertentes e em outros sectores da grande indústria (vidé o caso

marcante da Siderurgia Nacional) em ameaças de despedimento em massa, sem contrapartidas viáveis que ultrapassem o recurso ao trabalho a prazo e à generalizada precarização do emprego — via privilegiada pelo Governo Cavaco/PSD.

### A Facar não pagou parte dos salários de Junho

A administração da Facar, entregue aos irmãos Carvalhos, não pagou parte dos salários do passado mês de Junho e promete não pagar o mês de Julho nem os subsídios de férias.

O Sindicato dos Metalúrgicos do Porto (STIMMDP) afirma que os 200 trabalhadores que entraram em período de férias o fizeram sem receber os respectivos subsídios.

O mesmo Sindicato acrescentava, na passada segun-

da-feira que «esses factos conhecidos e muito sentidos» pelos mil trabalhadores da Facar provocam «dúvidas e incertezas» que se juntam a «manobras e negócios não muito claros», levando a crer na «dispensa» de 300 a 400 trabalhadores, na falência da Facar, em novos administradores e noutras mudanças não esclarecidas e que provocam grande instabilidade na empresa e entre os trabalhadores.

O Sindicato dos Metalúrgicos afirma que os administradores, irmãos Carvalhos, com a energia cortada pela EDP devido a dívidas, estão na «desconfortável situação de terem que responder a todas as dúvidas que assaltam os trabalhadores».

Assinale-se que a incomodidade que pode afectar os irmãos Carvalhos não é, pelo menos, da mesma qualidade de que ofende os direitos elementares de quem trabalha, neste caso, os trabalhadores com as remunerações

e o emprego em risco na Facar.

Vinha a público, entretanto, que o principal credor da empresa de Leça (Matosinhos) é o Banco Português do Atlântico, ao qual poderiam estar ligados os novos administradores que substituiriam os Carvalhos na Facar.

Ainda no sector metalúrgico, assinala-se a ameaça que se mantém sobre 1800 a 2000 postos de trabalho na Siderurgia Nacional.

A Federação sindical (FSMMMP) do sector tinha marcada para ontem uma conferência de imprensa sobre a SN à qual faremos referência na semana que vem.

### Reunião de hoje na D. Ferreira pode ser decisiva

A reunião de credores marcada para hoje na D. Fer-

reira, de Arcozelo, pode ser decisiva no sentido da manutenção dos 900 postos de trabalho ameaçados pela falência da empresa.

A viabilização económica da D. Ferreira, que dispõe de património suficiente para isso, é reclamada pelas organizações sindicais representativas dos trabalhadores.

As comissões de trabalhadores e os delegados sindicais da D. Ferreira, reconhecendo embora o elevado passivo da empresa (milhão e meio de contos) sublinham que a fábrica está «tecnologicamente apetrechada e pronta a enfrentar o futuro, com larga rentabilidade económica».

Segundo os representantes dos trabalhadores da D. Ferreira que está em gestão controlada desde Fevereiro findo, há indícios de que os credores poderão chegar a acordo, visto que o relatório do administrador judicial refere condições favoráveis a essa solução.

## Confiança da CGTP

O Conselho Nacional da CGTP-IN, que se reuniu na passada sexta-feira em Lisboa, voltou a manifestar confiança na luta dos trabalhadores em defesa dos seus direitos e no interesse da democracia; mas, perante os resultados das eleições de 19 de Julho, expressou também a «profunda preocupação» da Central pelas «consequências que daí decorrem».

Numa conferência de imprensa depois da reunião daquele órgão dirigente, foi distribuído à comunicação social um documento onde se reafirma que a maioria absoluta obtida nas eleições pelo PSD «abre caminho à viabilização das pretensões do grande patronato».

Entre elas, destaca a Central o aumento da «precaridade do emprego» e a sobreexploração do trabalho. Mas a intervenção organizada dos trabalhadores manter-se-á.

Afirma o Conselho Nacional da CGTP que o previsível recrudescimento da ofensiva contra quem trabalha encontrará a resposta organizada dos sindicatos e da

generalidade dos representantes dos trabalhadores, «quer nos locais de trabalho quer a nível sectorial, regional e nacional».

Para os dirigentes da Central, a defesa dos interesses, garantias e direitos dos trabalhadores continua estreitamente ligada à defesa da democracia e do 25 de Abril.

Ao assumir as preocupações, mas também as esperanças decorrentes da consulta eleitoral de 19 de Julho, o CN da CGTP sublinha a «confiança que lhe advém de acreditar na unidade e na organização para defender, consolidar e aprofundar cada vez mais a democracia e encontrar soluções para os graves problemas nacionais».

Quanto à previsível revisão da Lei Fundamental do País os dirigentes da CGTP recordam que a Central unitária dos trabalhadores portugueses é «um dos factores mais positivos da sociedade» e que, por isso, ela se empenhará na defesa dos valores fundamentais consagrados pela Constituição em vigor.

## 17 mil professores com as férias em risco

Dezassete mil professores do ensino básico podem ficar sem férias este ano, se a sua situação não for entretanto definida pelos serviços competentes do Ministério da Educação.

A Federação Nacional dos Professores (FENPROF) revelava na passada segunda-feira que a lista provisória dos professores e educadores (não efectivos) do primeiro ciclo do ensino básico e da educação pré-escolar, que «deveria ter sido publicada até 10 de Julho», não o fora até ao passado dia 27.

O secretariado nacional da FENPROF, que protesta contra a falta de cumprimento dos prazos estabelecidos na lei — neste caso o decreto-lei 200/87 — pergunta, muito legitimamente, se «os cerca de 17 000 professores não efectivos do primeiro ciclo

do ensino básico se vão manter, por Agosto dentro, a aguardar que seja definida a sua situação».

A pergunta só em parte teve resposta da parte dos serviços (DGP) do Ministério da Educação responsáveis por esta anomalia.

Segundo a FENPROF aqueles serviços, «quanto muito, e até ao fim da semana em curso», publicarão «a lista provisória da educação pré-escolar».

Ora essa lista só abrange três mil trabalhadores. E o resto?

Salienta a FENPROF que está em risco o gozo de fé-

rias daquele pessoal docente, «dentro do único período a que a elas têm direito».

A Federação, que emitiu sobre o assunto um comunicado na passada segunda-feira, conclui o seu protesto afirmando:

«A FENPROF há muito que alertou para este tipo de situações, caso não fossem cumpridos os prazos previstos na lei. A realidade aí está: aqueles professores estão na prática 'impedidos' de gozar as suas férias, com a paz e o sossego a que muito justamente têm direito».

Depreende-se do comunicado da FENPROF que as responsabilidades por esta grave anomalia se devem por inteiro ao Ministério da Educação.



Colecção  
Paz e Socialismo

POR UM MUNDO  
SEM ARMAS NUCLEARES

Mikhail  
Gorbachov

Preço 500\$00

edições  
Avante!

Trabalhadores

Ensino

## Jornadas pedagógicas todo o ano — anuncia o SPGL

As jornadas pedagógicas promovidas pelo Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, a iniciar no próximo mês de Setembro, prolongam-se por todo o ano lectivo de 1987-88. É a primeira vez que as jornadas têm este alcance. O SPGL destaca, pela sua importância, o seminário que tem por lema «Lei de Bases do sistema educativo e o futuro da educação em Portugal». Este seminário inscreve-se nas acções a realizar no âmbito das jornadas pedagógicas anunciadas na passada quinta-feira pelo SPGL, organização sindical filiada na FENPROF, cujo secretariado, ao analisar a situação político-sindical, «à luz dos resultados das eleições de 19 de Julho», refere o «seu mais decidido empenho em contribuir para a resolução do grande problema nacional que é a Educação». Também na quinta-feira passada, tinham início em Lisboa as negociações do CCT (contrato colectivo de trabalho) do ensino particular e cooperativo.

As negociações de revisão do CCT devem decorrer de forma a que o novo contrato entre em vigor no ano lectivo de 1987-88.

As negociações decorrem entre a Associação de Representantes dos Estabelecimentos de Ensino Particular (AEEP), a Federação Nacional dos Professores (FENPROF) e, segundo o secretariado nacional ( direcção) desta última organização sindical, participam também nas negociações de revisão «outras organizações sindicais representativas de trabalhadores não docentes em serviço nos estabelecimentos de ensino privados».

### Reivindicado aumento de 15%

O secretariado nacional da FENPROF afirma que a sua proposta de revisão das cláusulas de expressão pecuniária, em particular a **tabela salarial e as diuturnidades**, contempla «um aumento de 15 por cento, igual para todas as categorias».

A proposta sindical defende ainda «a necessidade de dar reposta ao facto de muitos docentes do ensino particular terem **condições remuneratórias mais gravosas que no ensino oficial**, tendo esta situação sido agravada nos dois últimos anos lectivos, e, nomeadamente, no caso dos docentes com mais tempo de serviço e com mais habilitações profissionais».

Na altura em que foi emitido o comunicado da FENPROF com a informação sobre o início das negociações de revisão do CCT do ensino particular e cooperativo, a associação patronal (AEEP) ainda não tinha apresentado qualquer «proposta concreta», mas prometera fazê-lo na sessão entretanto marcada para a passada segunda-feira.

Ainda sem informações sobre esta sessão, refira-se, segundo o comunicado de quinta-feira passada, que a FENPROF considera que a não correcção de anomalias no que respeita àquele pessoal docente poderá des-

guarnecer «o ensino particular de técnicos com formação profissional adequada, o que se poderá repercutir negativamente na qualidade do ensino ministrado».

Acrescenta ainda o secretariado nacional da FENPROF, no seu comunicado do passado dia 23, que a proposta sindical de revisão do CCT do ensino particular e cooperativo defende «a necessidade de enquadramento na tabela salarial dos **professores do 12.º grupo e trabalhos manuais**, que completaram com êxito os cursos de complemento de formação organizados pelo Ministério da Educação, e, ainda, a **redução do horário máximo no sector para 40 horas semanais**».

### Estão abertas as inscrições para as jornadas pedagógicas

A direcção do SPGL anuncia que estão abertas as inscrições para as Jornadas Pedagógicas 87 do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, cujas datas serão oportunamente divulgadas.

Na passada quinta-feira, a direcção do SPGL divulgava já alguns temas seleccionados para aquelas jornadas, a saber: «**os descobrimentos portugueses; centenário do nascimento de Fernando Pessoa; a Língua Portuguesa; a genética; o estado actual desta ciência e perspectivas de futuro; a educação física na escola; os problemas das escolas rurais; a matemática e o ensino da matemática; a formação profissional dos jovens; a recomendação da UNESCO/OIT sobre a condição do pessoal docente: que efeitos em Portugal, vinte anos depois; ambiente e energia nuclear**».

A direcção do SPGL conclui a sua informação de quinta-feira passada sobre as jornadas pedagógicas afirmando que «o programa de acções, assim previsto para todo o curso do ano lectivo, estará também mais de acordo com as perspectivas de

abertura a 21 de Setembro das actividades escolares».

### O PSD é responsável pela Educação desde 1979

Reunido na quarta e quinta-feira da semana passada, o secretariado nacional da FENPROF (Federação Nacional dos Professores), depois de recordar a sua «opinião crítica» emitida em 5 de Maio findo sobre «a actualização do Ministério J. D. Pinheiro», reflectindo assim o «sentimento generalizado entre a maioria dos professores», recorda que o PSD é o «partido responsável pelo Ministério da Educação desde 1979», facto que, tendo em vista os resultados eleitorais de 19 de Julho, não permite «acalantar grandes expectativas quanto a mudanças sig-

nificativas de orientação, vivamente desejadas pela generalidade dos professores».

No entanto, o secretariado da FENPROF regista que «a **Lei de Bases do Sistema Educativo, que o PSD votou favoravelmente na Assembleia da República, é considerada uma importante base de convergência e de entendimento entre todos quantos desejam, verdadeiramente, modernizar o sistema de ensino português**».

Na sua reunião, imediatamente a seguir às eleições de 19 do corrente, a direcção da FENPROF (secretariado nacional) reclama «uma efectiva mudança de política no sector da Educação» e reafirma a sua determinação na defesa das aspirações de todos os professores.

## Estão aí

Começamos pela citação do que há dias, no suplemento «Economia» do «Diário de Notícias», saiu a público sobre as férias e sob a assinatura de uma tal Rosa Amaral:

«**Estão aí as férias. Com elas o desejo de sair dos países e das cidades onde se vive — e sobrevive — o ano inteiro. Para a maioria dos Portugueses, viajar é um sonho impossível. Nos últimos anos, o sonho pôde tornar-se realidade para aqueles, mais jovens, que com meia dúzia de tostões**» (o itálico não é nosso) **na algibeira, mochila às costas e um bilhete "inter-rail" na mão trilham os caminhos da Europa e (um pouco) da aventura. Custo? Uns 80 ou 90 contos (transportes, alimentação, alojamento)**».

Convenhamos que a coisa é de molde a produzir indescritíveis estados de excitação.

Em primeiro lugar, a autora da prosa identifica com exemplar clareza o estado actual das férias: **estão aí**. Ao leitor bastará portanto olhar para aí (ou por aí, se for tímido e não gostar de mirar com fixidez) que as há-de encontrar. Se mesmo assim tiver alguma dificuldade (o que é improvável, mas o seguro morreu de velho) procure «**o desejo de sair dos países e das cidades onde se vive**». Elas andam com ele e vice-versa, o que é realmente muita coisa junta para não se ver, num País tão pequeno.

Segue-se a constatação de que «**para a maioria dos Portugueses, viajar é um sonho impossível**», o que aparentemente contradiz o título da prosa (cujo declara que «Um mês de férias no estrangeiro está ao alcance de quase todos») e lança o leitor em momentânea desorientação. Mas só momentânea, dada a tranquilizadora informação fornecida ao virar do período: «**Nos últimos anos, o sonho pôde tornar-se realidade para aqueles, mais jovens...**».

O caso de sermos um dos mais velhos países da Europa não nos impede de ter por aí jovens que nunca mais acabam — isto sem metermos ao barulho o facto, quiçá improcedente em matéria de censo populacional mas verdadeiro em si e de uma ponta à outra, de que a juventude não tem idade. De qualquer modo a juventude que tem idade para isso viu, nos últimos anos, «o sonho tornar-se realidade» e essa é que é essa.

E realidade como?

«**Com meia dúzia de tostões na algibeira, mochila às costas e um bilhete inter-rail**». A partir daí é só «**trilhar os caminhos da Europa e (um pouco) da aventura!**»

Caramba! Qual é o jovem que não tem costas e uma mochila para elas, mesmo que seja um dos muitos milhares que nunca mais conseguem arranjar o seu primeiro emprego?

Mais:

Com outros muitos milhares de jovens desempregados, ou dependentes dos pais, a engrossar, até às centenas de milhar, a massa dos que andam à procura do primeiro emprego, haverá algum que hesite em arrancar por aí fora «a trilhar os caminhos da Europa e (um pouco) da aventura»? Isto num País que já deu «mundos ao mundo» e onde galgar fronteiras é quase uma tara nacional, uma mania secular, um património tão identificador como a espada do Afonso Henriques (ele próprio um notável salta-pocinhas)?!

E tudo isto, jovens senhores, com um bilhete «inter-rail», que é a coisa mais encarrilhada que imaginar se possa — nada de viagens a salto, documentos viciados, pides nas fronteiras, GNR's aos tiros, escorbutos e coisas assim, como nos tempos em que a CEE não dava cavaco. Agora é um papelinho e pronto, lá vai ele ou ela, eles ou elas, todos e todas muito jovens Europa fora, perna traçada no assento e a ver a aventura a correr pela janela.

Quanto ao preço, até se vão rir: **meia dúzia de tostões, meus amigos, meia dúzia de tostões!** E francamente, quem não tem hoje meia dúzia disso? Coisa que, trocada por miúdos, não passa de uns banais **800 000 ou 900 000... tostões?!...**

■ H. C.



## «Investimento prioritário»

O secretariado nacional da FENPROF chama a atenção para o facto de, no manifesto eleitoral que o PSD apresentou ao eleitorado, estarem consagradas algumas das propostas da FENPROF, nomeadamente, ao considerar a Educação «**o investimento prioritário**» e ao apresentar propostas para a construção de uma «**escola de sucesso**».

A Federação Nacional dos Professores, através do seu secretariado nacional ( direcção), que se reuniu quarta e quinta-feira passadas, recorda ainda que aquele manifesto eleitoral do partido que venceu as eleições de 19 de Julho defende que «**o professor é o agente fundamental da vida da escola**».

O SN da FENPROF, depois de sublinhar que, entre um vasto conjunto de promessas, o PSD, durante a campanha eleitoral, indicou que, segundo aquela Federação, «está disposto a acabar com a **instabilidade profissional dos professores** provisórios e não efectivos dos ensinos preparatório, secundário e primário», «**aguarda que o PSD honre os compromissos assumidos perante o povo português em período eleitoral**».

Depois de uma extensa referência aos motivos mais prementes de mobilização sindical, o SN da FENPROF sublinha que «a hipocrisia e a manipulação política, escondendo factos e situações, cobrindo faltas a compromissos e agindo como porta-vozes do MEC (Ministério) são formas de agir de outros, que não da FENPROF e dos sindicatos que a constituem».

Prestes a concluir uma resolução aprovada na sua reunião de quarta e quinta-feira passadas, o SN da FENPROF vinca a sua determinação de «**mobilizar os professores para combater todas as medidas que visem deteriorar ainda mais a sua situação de trabalhadores da Educação e prolongar ou agravar a crise do sistema educativo**».

Trabalhadores

# Trespasse confirmado pelo Pão de Açúcar

## • Apelo da FEPCES

Conforme foi anunciado no passado fim-de-semana, depois de uma reunião em 17 do corrente com os administradores da cadeia de supermercados Pão de Açúcar, os dirigentes sindicais do comércio (FEPCES) conseguiram marcar nova reunião para segunda-feira passada, 27, com a outra parte interessada no processo de trespasse: a cadeia de supermercados Pingo Doce.

Ainda sem informações precisas sobre o decorrer da reunião na altura da elaboração desta notícia, refira-se,

no entanto, que a Federação Sindical (FEPCES) e os sindicatos interessados conseguiram um êxito assinalável apenas com a realização das reuniões que reivindicaram com as administrações daqueles estabelecimentos, ao abrigo da Lei.

### Postura solidária e colectiva

Salvaguardar os postos de trabalho e os direitos

adquiridos é o primeiro propósito sindical e das comissões de trabalhadores.

Depois de sublinhar que a **proposta reivindicativa nacional**, a que o «Avante!» fez destacada referência na semana passada, é um meio privilegiado de garantir a defesa dos direitos dos trabalhadores dos supermercados, a Federação dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços (FEPCES) faz um apelo claro à participação, pois, «naturalmente — afirma — só uma postura solidária e colectiva de todos os trabalhadores da SUPA (Pão de Açúcar) garantirá que no decorrer deste processo (de trespasse) não venham a ficar pelo caminho direitos adquiridos, nomeadamente o direito ao trabalho».

### Quinze lojas em trespasse

Participar nos plenários marcados pela FEPCES a partir da passada sexta-feira, 24, é a primeira forma indispensável de participação dos trabalhadores que querem

ver garantidos os seus postos de trabalho e os direitos legais.

A FEPCES tornou públicos os resultados da sua reunião de 17 de Julho com a administração do Pão de Açúcar. Segundo aquela organização sindical, os administradores confirmaram que:

- Está em curso um processo de trespasse de 15 lojas da Supa para o Pingo Doce;

- A Supa manterá os «minipreços» e as lojas de Almada, Cascais e Amoreiras, em consequência daquilo que chama uma «nova filosofia» de mercado-exploração exclusiva de «minipreços» e «hipermercados»;

- O processo desenvolver-se-á durante Agosto e Setembro, à média de duas lojas por semana;

- Verificar-se-á a transferência de 330 trabalhadores dos serviços centrais para o Pingo Doce/grupo Jerónimo Martins;

- Os 140 trabalhadores da manutenção da Supa e 5 dos mesmos serviços do Pingo Doce serão integrados numa nova empresa conjunta de serviços técnicos;



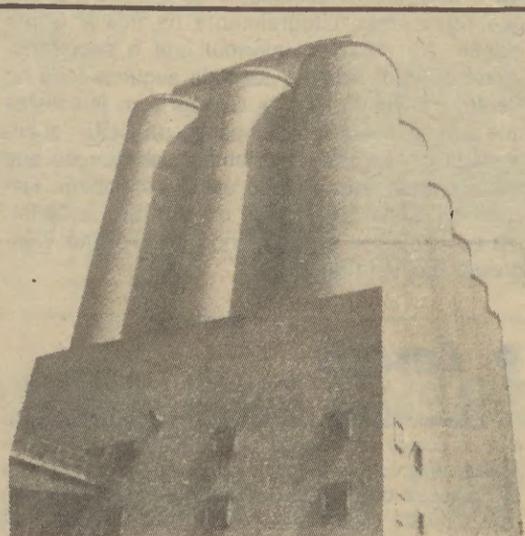
Para que a Supa cumpra o prometido, é indispensável unidade e vigilância dos sindicatos, dos trabalhadores

- A administração da Supa afirma garantir os postos de trabalho e os direitos adquiridos de todos os trabalhadores, quer daqueles que permanecem na Supa, quer daqueles que saem em resultado do processo de trespasse;

- No acto de trespasse, será assinado e entregue um documento subscrito pelas

duas administrações (Supa e Pingo Doce), garantindo os postos de trabalho e os direitos adquiridos.

Estas garantias precisam do apoio solidário de todos os trabalhadores representados pelos sindicatos do comércio, escritórios e serviços, designadamente os que se encontram filiados na Federação (FEPCES).



## A EPAC caluniada?

Com alguma reserva, visto não nos ter sido possível confirmar parte do texto a seguir transcrito que é matéria de opinião, publica-se seguidamente parte substancial da apreciação que o CES, órgão da Federação dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços, emitiu, com data de Julho em curso, sobre «uma operação de fiscalização económica junto da EPAC»:

«No dia 3 de Julho, alguns órgãos de comunicação social, nomeadamente a RTP, o «Correio da Manhã» e o «Diário de Notícias», fizeram grande escarcéu com uma operação de fiscalização económica junto da EPAC, onde teria sido encontrado arroz estragado no valor de 500 mil contos.

«Apurados os factos, verificou-se que os ditos órgãos de comunicação social estavam no local da inspecção muito antes de terem chegado os agentes da fiscalização, prontos a fazerem a cobertura do acontecimento de modo a, mais uma vez, desfavorecer a EPAC, o que permite concluir que a operação de fiscalização foi montada e inserida no ataque às empresas públicas e tentativa de aproveitamento eleitoral por parte do partido do Governo.

«Ora, o que se passava com o arroz não era da responsabilidade da EPAC, mas sim do Governo e do conselho de gerência, por falta de planificação e incúria de gestão, ao terem importado o arroz em 1985 e o terem deixado armazenado num celeiro alugado pela EPAC dois anos, sem lhe darem o destino devido para a indústria transformadora.

«Entretanto, e para ridículo do Governo e dos seus ecos na comunicação social, nada prova que o arroz esteja impróprio, tanto mais que já se encontrava vendido à indústria de descasque, que até já estava a levantar-lo do celeiro. É óbvio que ninguém ia comprar arroz estragado».

O texto da responsabilidade do CES, órgão da FEPCES, termina afirmando que o que veio a público em 3 de Julho foi «uma operação de calúnia à EPAC».

## Salários e contratação

# Não passam dos 9 por cento as propostas patronais

## • Só com a luta se obterão aumentos superiores

Estão em negociação importantes revisões da contratação colectiva. Segundo o boletim da Federação dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços (FEPCES), o patronato só quer negociar aumentos salariais entre 6,9 e 9 por cento. O boletim CES de Julho, daquela organização sindical, refere-se nomeadamente aos instrumentos de regulamentação colectiva da **Quimigal, Cimpor, armazenistas de papel, material electrónico e adegas cooperativas**.

O mesmo boletim salienta, ainda neste capítulo da contratação, que foram recentemente acordados os contratos do **comércio de óptica** (11,6 por cento de aumento), **grossistas têxtels** (12,5 por cento), **Cervibel** (15,4 por cento) e **Unicervi** (12,5 por cento).

Quanto à **PRT do comércio** (Portaria de Regulamentação de Trabalho), o boletim sindical da FEPCES recorda que «o Governo/Ministério do Trabalho está há cinco meses para proceder ao despacho constitutivo da comissão técnica encarregada de preparar a revisão da portaria».

No que respeita à revisão do acordo de empresa (AE)

da **Quimigal**, as negociações iniciaram-se em 1 do corrente, sem qualquer resultado até agora. As negociações serão retomadas em Setembro, depois de, segundo a Federação dos Sindicatos da Indústria Química e Farmacêutica, uma das principais intervenientes nas negociações, ter afirmado que «durante todo o período negocial, o conselho de gerência apenas subiu a sua proposta de aumentos salariais de 8 para 9 por cento e recusou-se a discutir a restante matéria, justificando esta sua posição com as 'ordens' que afirma lhe estarem a ser impostas pelo Governo de Cavaco Silva».

Esta posição do CG da **Quimigal** era confirmada pela FEPCES, enquanto que a Federação da Química anunciava «acções de luta», previstas em plenários entretanto efectuados na empresa, segundo informação que distribuiu no passado dia 8.

Além das baixas propostas apresentadas pelo patronato e pelas gerências, nota-se também em quase todas as revisões uma fuga à negociação de outras cláusulas que não sejam as referentes a matéria pecuniária. É o que acontece, por exemplo, com a revisão do CCT das **Adegas Cooperativas**, onde o patronato, além dos 9 por cento que se propõe aumentar nos salários, recusou toda e qualquer matéria de negociação constante da proposta sindical.

Recorde-se que grande parte das convenções colectivas onde se conseguiram aumentos superiores a 14 por cento, este ano, obrigaram a adopção de formas de

luta e a grande movimentação sindical.

É de salientar também que o Conselho Permanente de Concertação Social, onde predominam as posições do Governo com a assessoria da UGT, tem desenvolvido vasta propaganda a favor dos baixos salários, tomando como base o índice de uma suposta inflação oficial.

Entretanto, **os trabalhadores em clínicas privadas**, consultórios médicos policlínicos e estabelecimentos similares continuavam a aguardar, segundo o boletim da FEPCES, que os «seus salários sem revisão há dois anos sejam finalmente actualizados».

Segundo o mesmo boletim, «encontra-se marcada para data próxima a realização de uma **assembleia geral de técnicos paramédicos** que, no âmbito das suas competências, definirá um calendário de lutas do qual não se exclui a possibilidade da proclamação de uma paralisação geral do sector».

PCP

De 7 a 9 de Agosto

# Festa da Terra e do Mar vai animar Sines

Já chegou à sua 6.ª edição e para este ano volta a confirmar-se como um convidativo espaço de convívio e amizade para quem está em Sines: habitantes e forasteiros neste Verão de 1987. Falamos da Festa da Terra e do Mar, iniciativa da Comissão Concelhia do PCP, que decorrerá nos dias 7, 8 e 9 de Agosto.

Na próxima semana divulgaremos aos nossos leitores todos os pormenores do vasto programa da Festa da Terra e do Mar, mas desde já vamos levantar a ponta do véu...

No primeiro dia da Festa actuarão os **GNR**, enquanto **Carlos Mendes** e a sua banda estarão em palco no dia 9.

O folclore, o artesanato, as exposições (atenção a uma dedicada ao cosmos) e o desporto serão outras presenças na Festa que certamente abordará também o actual momento político.

Uma nota final para a tradicional e genuína **caldeira-da** da Festa da Terra e do Mar. Fique atento e se puder não perca...



Espectáculos, exposições, desporto, convívio — vale a pena estar em Sines na Festa da Terra e do Mar

## Célula da Standard Eléctrica: Os trabalhadores devem manter-se unidos

O maior e mais forte obstáculo que a direita terá para legislar e exercer o poder contra quem trabalha é e será a oposição dos trabalhadores, mobilizados e organizados no seu Partido de classe e nas estruturas sociais e profissionais representativas — sublinha o secretariado da célula do PCP na **Standard Eléctrica**, em comunicado intitulado «após 19 de Julho, a luta vai continuar».

Depois de referir que «a necessidade de um forte e organizado movimento de solidariedade e unidade de todos os democratas e trabalhadores se coloca ainda

com maior acuidade face à nova situação política criada após as eleições de 19 de Julho», o secretariado daquela célula do PCP salienta:

«Na **Standard Eléctrica**, empresa em que os trabalhadores já por várias vezes demonstraram grande capacidade de luta, de unidade e solidariedade entre si, estamos confiantes que esse espírito prevalecerá contra todas as adversidades e manobras divisionistas.

«No momento em que a alegria (veremos quanto tempo dura!) de uns contrasta com a preocupação de outros, a organização do Parti-

do na **Standard Eléctrica** lança o alerta a todos os trabalhadores para que se mantenham unidos e atentos, ultrapassem algumas divergências de interesse relativo, na perspectiva de resistirem aos possíveis e previsíveis ata-

ques aos direitos duramente conquistados. Da parte dos comunistas, existe a garantia que, como sempre, se encontrarão na primeira linha de combate na defesa do regime democrático e dos postos de trabalho.»

### Atenção, camaradas sem contacto regular

Embora durante os meses de Fevereiro, Março e Abril, a Campanha Organizativa tenha conseguido estabelecer um contacto regular com muitos camaradas que têm estado desligados, continua a haver situações semelhantes que é necessário resolver.

Numa altura em que a mobilização dos membros do Partido tem de ser uma preocupação das diversas organizações, chamamos a atenção de todos os camaradas que perderam o seu contacto regular que, através de qualquer dos Centros de Trabalho ou do conhecimento de outros camaradas organizados, procurem conseguir a sua ligação com o Partido.

Entretanto, qualquer camarada nessas condições pode também dirigir-se à Comissão Central de Organização, Rua Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa Codex expondo o seu caso. Procurar-se-á dar seguimento rápido à sua ligação orgânica.



## Plenários do PCP

Apesar das férias, estão a suscitar grande interesse as iniciativas do PCP promovidas em todas as regiões do País, nomeadamente os **plenários** de militantes em que se abordam as questões relacionadas com os resultados eleitorais e a situação política decorrente, para além dos aspectos da vida interna do Partido e do seu reforço. Para a análise e discussão destes aspectos é essencial o documento do Comité Central, que publicámos integralmente na nossa última edição. No encontro informal que o secretário-geral do PCP teve na passada segunda-feira no Centro da Soeiro Pereira Gomes com jornalistas que acompanharam a campanha da CDU, foi salientada a vivacidade e a ampla participação que esses plenários do Partido estão a mobilizar. Recordar-se ainda que a partir de **Outubro** terão início os trabalhos preparatórios do próximo Congresso ordinário do PCP.

### ● Cascais

**Balanco dos resultados eleitorais e organização** são os pontos em agenda para o plenário que se vai realizar amanhã (sexta-feira) por iniciativa da Comissão de Freguesia do PCP de **Cascais**. Na convocatória dirigida a todos os militantes do Partido na freguesia, aquele organismo de direcção chama a atenção para o reforço do trabalho político e organizativo.

O camarada **Carlos Pinhão**, membro do Comité Central do PCP, participará nesta iniciativa, marcada para as 21 e 30 horas nas instalações do Centro de Trabalho em Cascais.

### ● Estoril

Com o objectivo de «reforçar o trabalho do Partido na freguesia do Estoril», realiza-se no próximo sábado, dia 1 de Agosto, um plenário dos militantes comunistas organizados naquela localidade. O balanço dos resultados eleitorais e questões de organização estarão em foco neste plenário que decorrerá no Centro de Trabalho do PCP na Galiza, a partir das 16 horas com a participação de um camarada do Comité Central.

### ● Carnaxide

No Centro de Trabalho de Algés decorrerá logo ao fim da tarde um plenário de militantes comunistas das empresas de **Carnaxide**. O início dos trabalhos está marcado para as 18 e 30 horas.

### ● Marinha Grande

Amanhã às 21 e 30 horas haverá uma reunião de militantes da **Marinha Grande**, no Centro de Trabalho do Partido. Ainda neste concelho, mas no lugar da **Ordem**, decorrerá esta noite uma iniciativa idêntica, para análise e debate da situação política e dos resultados eleitorais de 19 de Julho.

### — Camaradas Falecidos

#### João António Gonçalves

Militante na organização de **Moscavide**, concelho de Loures, faleceu o nosso ca-

marada João António Gonçalves. Aos seus familiares, amigos e companheiros o colectivo do «Avante!» manifesta profundo pesar.

edições  
*Avante!*  
Recomendam

VIII SONETOS  
Ary dos Santos

Nacional

# CDU elege deputado por Coimbra

A Coligação Democrática Unitária (CDU) elegeu um deputado por Coimbra — a notícia foi confirmada anteriormente à tarde, após reunião da assembleia de apuramento distrital do círculo eleitoral de Coimbra para a Assembleia da República.

Como refere uma nota da SIP do PCP, entretanto divulgada, «foi assim eleito o cabeça de lista da CDU por Coimbra, **Linhares de Castro**», de 42 anos, professor do ensino secundário, presidente do Sindicato dos Professores da Região Centro e membro do Secretariado da Fenprof.

Conforme edital já afixado, a distribuição dos mandatos, naquele círculo eleitoral, pelas forças políticas concorrentes ao acto eleitoral de 19 de Julho é a seguinte: PSD — 6 mandatos (e não 7, como fora anunciado), PS — 4 e CDU — 1.

Refira-se a propósito que a Coligação Democrática Unitária registou no distrito de Coimbra, 17 394 votos.

«Pelos resultados já apurados», lê-se na nota da SIP, «a CDU obteve 31 mandatos nas eleições para a AR».

PARTIDOS	1.ª CONTAGEM		2.ª CONTAGEM		
	VOTOS	MAND.	VOTOS	DIF.	MAND.
CDS.....	10 988	—	11 025	+ 37	—
PPM.....	1 710	—	1 712	+ 2	—
PRD.....	8 412	—	8 395	- 17	—
CDU.....	17 367	—	17 394	+ 27	1
PSR.....	1 102	—	1 111	+ 9	—
UDP.....	1 030	—	1 045	+ 15	—
MRPP.....	474	—	472	- 2	—
PSR.....	850	—	859	+ 9	—
PC(R).....	1 225	—	1 241	+ 16	—
PS.....	69 962	4	69 745	-217	4
MDP.....	1 024	—	1 026	+ 2	—
POUS.....	1 056	—	1 048	- 8	—
PSD.....	121 640	7	121 641	+ 1	6



Na recontagem oficial dos votos do círculo eleitoral de Coimbra detectaram-se erros que prejudicaram a CDU em Condeixa e Figueira da Foz. Feitas as contas — já confirmadas — o PSD perdeu um deputado e a CDU garantiu a eleição de Linhares de Castro para a próxima Assembleia da República

# Nem as férias param Loures!

A Câmara Municipal de Loures adjudicou recentemente três obras no valor total de 39 000 contos. Pela grandeza das verbas envolvidas se depreende, à partida, a importância das realizações previstas.

A primeira iniciar-se-á em Agosto e vai erguer o **Centro Infanto-Juvenil da Manjoeira**, Freguesia de Santo António do Tojal. O custo previsto é de 7 000 contos e envolve a construção do centro infantil com duas salas, cozinha, gabinete médico e para pessoal, parque infantil e ainda instalações para o grupo recreativo local com sala polivalente, palco, cabine de projecção, gabinete de direcção, secretaria e bar.

A segunda trata-se do **Mercado da Bobadela**, Freguesia de S. João da Talha, obra abandonada pelo empreiteiro e que vai ser de novo adjudicada, com início previsto para Agosto. Com um valor estimado em 11 300 contos, a conclusão da obra engloba a execução da cobertura metálica e dois acabamentos: da zona de venda com 84 bancas e do edifício destinado a instalações do pessoal da divisão de resíduos sólidos.

O **Campo de Ténis e Polidesportivo no Parque Municipal de Cabeço de Montachique** constitui a terceira obra, com custos previstos de 15 320 contos e conclusão em Novembro do ano em curso. As obras iniciaram-se já em Julho, com a construção de três campos de ténis. Prevê-se igualmente para esta data a conclusão do polidesportivo descoberto a instalar no parque municipal, com valor estimado em 5 400 contos.

## Melhorar habitabilidade

Entretanto a Câmara Municipal de Loures prossegue o trabalho no sentido de criar melhores condições de habitabilidade nas urbanizações do concelho. Em sessão de Câmara realizada no passado dia 14 de Julho, foram aprovadas quatro cedências de áreas construídas, prolongamentos de uma política de acordos com os urbanizadores que têm em vista exactamente a criação de condições para a instalação de equipamentos colectivos que beneficiarão toda a população.

Na urbanização da **Flamenga**, próxima de Santo António dos Cavaleiros, foi cedido um andar modelo, com área equivalente a dois fogos, zona de escritório e zona de recepção de público, destinada à instalação de equipamento colectivo a integrar num projecto de arranjos exteriores a executar pelo urbanizador, à semelhança do que em tempos foi cedido pela ICESA para uma creche/jardim de infância.

Em Caneças foi cedida à Câmara Municipal de Loures

uma área situada em edifício anexo ao centro comercial, destinada a um centro de dia para a terceira idade, o qual será gerido pela Junta de Freguesia de Caneças e pelas organizações de reformados.

Para a instalação de um equipamento colectivo ainda não definido, foi cedida uma área num edifício da urbanização da Codivel, em Odivelas, e que será aproveitada pela Junta de Freguesia de Odivelas e pela Câmara Municipal.

Destinada à Junta de Freguesia da Pontinha, foi cedida uma área de 70 metros quadrados, no Bairro do Falcão, onde passarão a funcionar os serviços desta Junta de Freguesia.

Acrescente-se que a Câmara Municipal de Loures transferiu, na íntegra e de imediato, uma verba de 19 646 contos, proveniente do Instituto de Seguros de Portugal, para as Associações de Bombeiros Voluntários do concelho, como, aliás, tem vindo a fazer regular e anualmente.

De acordo com informações que chegam da Liga dos Bombeiros Portugueses, esta atitude do Município de Loures constitui um exemplo que, infelizmente, não é seguido por muitos outros municípios portugueses.

## E a cultura?

Mas a intensa actividade da Câmara Municipal de Loures não se fica pelas obras de carácter público ou os problemas urbanísticos — que são muitos e graves — pois desenvolve, ao mesmo

tempo, um intenso trabalho de valorização cultural, desportiva, recreativa e social. Como bem o ilustra o que está a acontecer no museu local.

Está patente ao público, na sala de exposições temporárias, até 31 de Agosto, no Museu Municipal de Loures — Casa do Adro, uma exposição de cerâmica de Eduarda Filhó, subordinada ao tema «Os Saloios», e na Sala de Etnografia, uma outra intitulada «Um Olhar Sobre Caneças», que estará patente ao público até 28 de Setembro.

Estas exposições foram inauguradas no dia 24 de Julho, marcando, o início das festas do Concelho, que comemoraram o 101.º aniversário do Concelho de Loures.

No jardim, em frente à Câmara Municipal e até 2 de Agosto, poderá ser apreciada a IV Exposição de Artes Plásticas, com obras de Álvaro Patrício, Ana Maria Botelho, Francisco José Simões, Jorge Vieira, Leslie Harmor, Virgílio Domingues, Rogério Ribeiro e um trabalho de Vieira da Silva de 1908, entre outros.

Para os mais novos, a animação infantil iniciada nas Festas do Concelho de Loures, este fim-de-semana, irá continuar até 2 de Agosto, com diversos ateliers. Quinzenalmente, a animação rodará entre a vila de Loures e Santo António dos Cavaleiros, com a actuação de palhaços, teatro e ainda números de circo.

A actividade cultural decorrente das comemorações do 101.º aniversário do Concelho de Loures contará ainda, e também até 2 de Agosto, com um serviço de bibliotecas no exterior, no Jardim Municipal, junto ao ringue, em Loures.

De facto, nem as férias param a Câmara de Loures!

# Festas em Casebres e Alcácer do Sal

Com um programa variado, cobrindo diferentes áreas e interesses, realiza-se já no próximo fim-de-semana, em Casebres, mais uma edição da **Festa da Alegria**.

A iniciativa pertence à organização local do PCP e do programa fazem parte no sábado, às 21 horas, a actuação do Conjunto Típico «Os Banzas» e de Francisco Ceia e da sua banda, às 22 horas, a que se seguirá um baile até de madrugada com o conjunto «Brilhante 86».

No domingo, a festa abrirá as suas portas às 20.30 horas com o Grupo Coral e Instrumental de Pinhal de Frades, seguindo-se um comício, a apresentação dos ranchos folclóricos «Craveiras de Pegões» e de «Casebres», culminando o programa com outro baile, desta feita animado pelo acordeonista e vocalista Eduardo Panóias.

Entretanto, também os co-

munistas de Alcácer do Sal preparam já a sua festa. Chama-se «Vitória de Abril» e o local escolhido é Rio de Moinhos. Decorrerá nos dias 7, 8 e 9 de Agosto, estando previsto para o primeiro destes dias, às 21.30, uma baile que contará com a presença do acordeonista António Gonçalves.

No dia seguinte, sábado, o programa começa às 15 horas, com um torneio de futebol de onze, terminando às 23 horas com um baile em que participará de novo An-

tónio Gonçalves. Antes porém, ainda haverá tempo para uma intervenção política marcada para as 21.30 horas e para a apresentação do Grupo «Cantares».

Para domingo, o programa prevê à tarde uma vacada, mais exactamente às 16 horas, e, à noite, pelas 21 horas, a actuação do Rancho Folclórico, Recreativo e Cultural de Craveiras». Às 22 horas, um baile com o acordeonista Tozé Pratas, constituirá o último momento da Festa.

# Passeio de barco em Sesimbra

Iniciativa com tradições em Sesimbra, a próxima sardinhada e passeio de barco ao ribeiro do Cavallo realiza-se no dia 9, com partida do porto de abrigo às 8 horas. Os interessados devem contactar o Centro de Trabalho de PCP em Sesimbra.

problemas da paz e do socialismo

# revista internacional

revista dos partidos comunistas e operários

# Em Vila Franca de Xira Fantoches para as crianças

A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira está a promover um programa de animação de fantoches que vai durar até Dezembro deste ano.

O programa pretende, por um lado, integrar jovens do OTJ, que receberam um curso de formação orientado por elementos do grupo de «Marionetas de Lisboa», e proporcionar às crianças do Concelho o acesso a um espectáculo tradicional infantil que corre o risco de desaparecer. As jovens já exibiram a sua peça «O Raio de Sol» na Quinta Municipal de Suberra para uma colónia de

férias infantil que ali está a funcionar, e tem vários outros espectáculos programados.

Todo o trabalho de montagem da peça e os próprios bonecos são feitos pelos jovens, que neste momento já estão a preparar uma nova peça — «O Auto da Índia».

Durante o Verão as exposições serão quase todas feitas na Quinta da Suberra, onde funcionam colónias de férias infantis, em infantários e jardins. Mais tarde, quando se iniciar o período lectivo, actuarão também em escolas primárias.

## Internacional

# Gorbatchov propõe «dupla opção zero global»

«A União Soviética, indo ao encontro da posição dos países da Ásia e considerando as suas preocupações, está pronta a desmantelar todos os seus mísseis de médio alcance também na parte asiática da URSS. Quer isto dizer, que estamos prontos a deixar de insistir na manutenção das 100 ogivas em mísseis de médio alcance, cujo destino é objecto de debate com os Estados Unidos nas conversações de Genebra. Claro que esta medida só será possível se os norte-americanos fizerem o mesmo».

Esta é a nova proposta de desarmamento nuclear por parte da União Soviética, e que aqui reproduzimos da entrevista concedida pelo camarada Gorbatchov ao jornal indonésio «Merkeka», em vésperas do aniversário do discurso de Vladivostok, em que Gorbatchov avançou um conjunto de propostas concretas para o reforço da paz e da segurança nas regiões da Ásia e Pacífico.

Hoje trata-se de avançar a concepção de uma «dupla opção zero global» — desarmamento nuclear na Europa e desarmamento nuclear na Ásia. O que seria um passo decisivo para medidas de desarmamento ainda mais gerais, no sentido da definitiva liquidação do — muito — que ainda resta de mísseis e cargas nucleares. Muito que se salda, na Europa, em dez mil cargas nucleares. E na Ásia, inclui o armamento nuclear norte-americano na Coreia, Filipinas e Diego Garcia (que de momento a URSS não iria

considerar, para abrir portas a um primeiro acordo).

São propostas que, tal como as que se referem à liquidação de mísseis de médio alcance na Europa, vêm na linha do programa soviético de liquidação das armas nucleares até ao ano 2000 na linha das conversações de Reykjavik, aprofundando ainda as múltiplas possibilidades então abertas, boicotadas pelo imperialismo.

Gorbatchov foi bem claro, quando da sua intervenção perante a televisão soviética, no regresso de Reykjavik, em 22 de Outubro de 1986:

«A concluir direi que a União Soviética depositou nas suas propostas o máximo de boa vontade. Não retiramos estas propostas, não retiramos! Tudo o que foi dito para esclarecê-las ou desenvolvê-las continua em vigor».

Trata-se de uma clara opção política: defender e aprofundar a paz, como condição de vida e desenvolvimento.

## Paz para a Ásia

Outras iniciativas possíveis para a paz na URSS, foram também formuladas por Gorbatchov na entrevista ao «Merkeka».

«Primeiro. A União Soviética está pronta a comprometer-se a não aumentar o número de aviões com meios nucleares estacionados na parte asiática do país, caso os EUA não instalem na região meios nucleares adicionais capazes de atingir o território da URSS.

«Segundo. Volto a assinalar a nossa proposta de diminuir a actividade das armadas da URSS e dos EUA no Oceano Pacífico.

(...) Poderíamos chegar a acordo sobre a limitação das regiões de navegação dos navios portadores de armamentos nucleares, proibindo que se aproximassem do lito-

ral da outra parte, a distâncias inferiores ao alcance dos meios nucleares que têm a bordo.

«Poderíamos chegar a acordo sobre a limitação dos meios anti-submarinos e mesmo proibir a actividade anti-submarina, inclusive aérea, em determinadas zonas».

Exemplos concretos a que Gorbatchov soma ainda a redução e limitações impostas às manobras militares na zona».

«Terceiro. Há mais de 15 anos que foi aprovada a declaração da ONU sobre a transformação do Oceano Índico em zona de Paz.

Há anos que está a ser preparada a realização, sob a égida da ONU, de uma conferência internacional sobre o Oceano Índico (...). Chegou o momento de criar garantias internacionais para a navegação segura no Oceano Índico e nos mares adjacentes, estreitos e golfos».

«Quarto. Os ensaios nucleares constituem uma questão à parte. A Humanidade não esqueceu que os primeiros ensaios de armamentos nucleares americanos no pós-guerra foram realizados no Oceano Pacífico. Muitos habitantes da zona ficaram doentes ou mesmo morreram. Por isso, a recusa dos EUA, Grã-Bretanha e França de suspender os ensaios nucleares suscita indignação entre os habitantes da zona. (...) Não abandonamos a luta pela proibição dos ensaios nucleares e a conclusão do respectivo acordo».

## Resistências

Em cada uma das propostas e iniciativas avançadas pela União Soviética, o obstáculo apontado à sua concretização é sempre o mesmo: os Estados Unidos e a Nato.

Agora, uma vez mais, já depois da proposta de Gorbatchov de uma «dupla opção zero global», Washington volta a reafirmar que não «cede» no que se refere à manutenção das cargas nucleares norte-americanas que equipam os «Pershing-1B» pertencentes à RFA — um dos vários obstáculos avançados à liquidação dos mísseis de médio alcance na Europa.

Surgem entretanto notícias de que infra-estruturas para 64 mísseis de cruzeiro norte-americanos parecem existir ou estar em construção na Turquia.

A política de corrida aos armamentos, de aposta na força militar como instrumento político (e de angariação de fabulosos lucros) prossegue. A exigir a correspondente proposta dos povos. Uma batalha que tende a ampliar-se. A nova proposta soviética em relação à Ásia constitui um importante estímulo para a luta dos povos deste continente pela paz e o desarmamento.



## Agravam-se confrontos na África do Sul

Eric Mntonga, co-director do Instituto por uma Alternativa Democrática para a África do Sul (IDASA) e promotor do encontro que reuniu em Dakar personalidades brancas sul-africanas e dirigentes do ANC, foi assassinado no passado domingo no bairro negro de Thamarha, no bantustão do Ciskei.

Mntonga foi encontrado apunhalado, com as mãos atadas atrás das costas, dentro do seu automóvel. A responsabilidade do crime, não reivindicado, cabe provavelmente a grupos neofascistas, em particular o chamado Movimento de Resistência Afrikander e o Movimento de Libertação Branca, que ameaçaram liquidar os participantes no encontro de Dakar. As ameaças não desmobilizaram, entretanto, os que na África do Sul estão dispostos a lutar pelo fim do apartheid; em preparação está já uma conferência a realizar no próximo ano, para discutir uma constituição para a África do Sul pós-apartheid. No encontro participarão dirigentes do ANC e a iniciativa conta com o apoio da Organização de Unidade Africana.

Entretanto, as autoridades racistas continuam a braços com a crescente capacidade de organização e reivindicação dos trabalhadores negros, não tendo conseguido impedir a greve dos metalúrgicos e dos mineiros por aumentos de salários, em meados deste mês.

## Nicarágua e Costa Rica pela paz na América Central

Os presidentes da Nicarágua e da Costa Rica, respectivamente Daniel Ortega e Oscar Arias, pronunciaram-se na passada segunda-feira pela continuação das conversações tendentes à regularização política dos conflitos na América Central e manifestaram o seu apoio aos esforços desenvolvidos pelo Grupo de Contadora.

Falando numa conferência de imprensa realizada em Manágua durante a visita de Arias à Nicarágua, Daniel Ortega salientou que o verdadeiro caminho para a solução pacífica dos problemas da região passa por conversações no âmbito do Contadora, reafirmando a aspiração do governo sandinista de contribuir activamente para encontrar meios construtivos que visem solucionar a crise centro-americana. Na ocasião, Daniel Ortega frisou que a crise na América Central é da responsabilidade dos EUA, que se intrometem nos assuntos internos dos países da região e negam aos povos o direito de escolher livremente o seu caminho de desenvolvimento.

O ministro dos Negócios Estrangeiros do México, Bernardo Sepúlveda, anunciou entretanto que o Grupo de Contadora estará presente na Conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos cinco países centro-americanos que se reunirão amanhã, sexta-feira, em Tegucigalpa, capital das Honduras.

## FAO critica EUA

O director-geral da FAO, Edouard Saouma, criticou na segunda-feira em Addis-Abeba a decisão norte-americana de reduzir a sua contribuição financeira naquele organismo das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura, inserindo tal medida «numa política deliberada dos EUA de retirada de todo o sistema da ONU».

Saouma, que participou em Addis-Abeba, como observador na cimeira dos Chefes de Estado da Organização de Unidade Africana (OUA), realizada de 27 a 29 do corrente, disse que os EUA apenas pagaram cinco dos cinquenta milhões de dólares que lhe correspondiam em 1986 e já anunciaram que em caso algum a sua contribuição ultrapassará os 25 milhões de dólares.



Trinta e quatro anos são passados sobre o histórico assalto ao quartel de Moncada, que assinala o início da Revolução cubana. Na sequência do III Congresso do Partido Comunista de Cuba, realizado em Fevereiro de 1986, o país vive uma nova etapa do seu desenvolvimento, que deverá ser simultaneamente uma superação de erros e problemas, o lançar de novas bases para o futuro. No V Congresso da juventude comunista, realizado há poucos meses, Fidel Castro sublinhou que «nos programas elaborados com tão poucos recursos, não se sacrifica o desenvolvimento do país; e isso é muito importante para a nossa juventude, é muito importante para os nossos jovens que falam do ano 2000».

Internacional

## Comércio e desenvolvimento

## Conferência das Nações Unidas

Anualmente, investem-se 20 mil dólares por soldado, enquanto o consumo de cada criança se reduz a 380 dólares. Este um de entre múltiplos dados avançados, em Genebra, na VII Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (CNUCED). Dado necessariamente muito vago (bem poucos dólares restarão às crianças do terceiro mundo, no balanço geral) e incompleto (nem só de militarização se trata, ou melhor dizendo essa militarização está intrinsecamente ligada à política do capital e dos grandes monopólios). Mas que traduz bem o conteúdo do quadro que se reflecte em Genebra — uma economia capitalista mundial profundamente distorcida, totalmente alheia ao único desenvolvimento válido, o que se prende ao próprio desenvolvimento do homem. A incompatibilidade entre a lógica do desenvolvimento capitalista, de que o lucro é o motor, e a lógica do desenvolvimento e até da sobrevivência, mesmo quotidiana, dos seres humanos.

A VII CNUCED, que de 9 a 31 de Julho reúne delegações de 168 países em Genebra, tem como temas centrais em debate, a revitalização do desenvolvimento económico e do comércio internacional. Questões difíceis e de uma candente actualidade — que passam pela monstruosa dívida dos países em vias de desenvolvimento (1000 milhões de dólares); pelo crescente proteccionismo, que se reflecte também nas guerras comerciais entre os países capitalistas mais industrializados; as desproporções entre preços de matérias-primas e produtos industriais, preços «fabricados» pelas multinacionais; os esquemas e instrumentos financeiros utilizados para fazer alimentar por todo o mundo os lucros das multinacionais e a indústria de armamento.

Para todas estas ques-

tões, para cada tema da agenda, o grupo dos 77 (que grosso modo reúne os países em vias de desenvolvimento) levou propostas de política e medidas concretas, nas áreas de recursos para o desenvolvimento (o que passa também pela questão da dívida externa), os produtos básicos (matérias-primas), o comércio internacional, a situação dos países menos desenvolvidos.

Estas posições contam com o apoio do grupo dos países socialistas. Aqui assumem particular significado político as mensagens de saudação enviadas pelos chefes de Estado e governo de Cuba, União Soviética, RDA, Polónia, República Popular da China, Mongólia, Vietnam e Roménia.

Bem diversa — como seria de calcular — é a posição da generalidade dos países capitalistas desenvolvidos.



A revitalização do desenvolvimento económico e do comércio internacional, temas em foco na VII Conferência da ONU

A atitude da delegação dos Estados Unidos, assume foros de provocação. Os Estados Unidos votaram — sós — contra o relatório de trabalho desta conferência. Fazendo gala de total desprezo pelas opiniões e reivindicações contidas nos documentos apresentados, afirmou estar contra os temas da agenda e mais ainda que as discussões neste foro seriam inúteis e sem interesse.

Também Mitterrand, exprimiu de forma clara a posição dos «Sete» grandes do capital, afirmando: «Uma dívida é uma dívida»...

Caso para nos perguntar-

mos de quem é a dívida... A verdade é que os países em vias de desenvolvimento estão a ser transformados em exportadores líquidos de capital. Em muitos casos está a ser transferido para o mundo capitalista desenvolvido até 10% do produto nacional bruto e 50% dos ganhos com as exportações. Enquanto no mundo industrializado em cada minuto se gastam com armas 2 milhões de dólares.

## Jogos de preços

Em 1959, com os lucros obtidos com a venda de 24 toneladas de açúcar podia-se comprar um tractor. Em fins de 1982, já seriam necessárias 115 toneladas de açúcar para adquirir o mesmo tractor. Em 1987, são necessárias 133 toneladas.

O exemplo é claro, e apenas um entre os muitos que seria possível citar. Traduz uma das múltiplas formas de desenfreada exploração dos países subdesenvolvidos pelo capital dos países industrializados, e muito em particular pelas multinacionais. Note-se que a lição é válida também no âmbito das organizações internacionais do capital, como a CEE, onde de facto os únicos a ganhar, para além de todas as contradições internas, são os grandes. A nossa própria experiência para aí aponta.

Mas voltando à — dramática — questão dos preços (aliás, componente importante das raízes do próprio problema da dívida). Após uma ligeira recuperação entre 1983 e 1984, o índice global dos preços das matérias-primas (o fundamental das exportações dos países do chamado terceiro mundo) caiu verticalmente em Setembro de 1985, uma quebra de 20%, recuando ao nível de 1976. Entre 1985 e 1986, os preços de todos os grupos de produtos básicos seguiram esta quebra.

Yves Berthelot, secretário-geral adjunto do CNUCED, considera mesmo que tendo em conta a variação das condições de troca e a inflação, se desceu ao nível de 1932, ano da grande crise capitalista.

Nada disto acontece por acaso, tão-pouco é fruto do que seria a lógica de leis «cegas» da economia, em que os homens não poderiam interferir. Bem se sabe, da nossa própria experiência, quem aqui em Portugal, como no geral do mundo capitalista, sem empenha em limitar salários e utilizar o instrumento dos preços. No plano internacional, esta é a forma do grande capital, das multinacionais, fazerem crescer os seus lucros nas condições de crise. Ou seja, enquanto se refina na exploração dos trabalhadores, a mesma receita é aplicada para a desenfreada exploração de povos inteiros.

A esta política se prende a recusa de quaisquer passos no sentido de uma melhoria e um reequilíbrio da situação económica internacional.

Em 1976, na VI sessão da CNUCED, foi adoptado por consenso um programa de acordos relativos a algumas matérias-primas fundamentais. Dez anos depois pouco ou nada se avançou, neste caminho. Quanto à constituição de Fundos comuns, destinados ao financiamento do programa, os Estados Unidos recusaram-se até hoje a dar a sua contribuição.

Bem recentemente, na Cimeira de Veneza, a «solução» avançada uma vez mais pelos «Sete» grandes do capital para o problema central da dívida, foi o reforço do papel do FMI e do Banco Mundial!

A CNUCED, segundo a delegação dos EUA, não tem qualquer interesse como centro de debate. Compreende-se! O que lhes pode interessar são os seus próprios instrumentos, como é o caso do FMI!

## Outras relações para o desenvolvimento

As terríveis consequências da política do capital acarretam consigo importantes reacções populares e a luta das massas trabalhadoras.

Segundo os especialistas da CNUCED calcula-se em 10 milhões o número de postos de trabalho suprimidos nos países da OCDE, entre 1983 e 1984, como consequência do afundamento do poder de compra dos países do terceiro mundo. Para os países em vias de desenvolvimento, as perdas com a queda dos preços (que se saldaram em lucros para as multinacionais) foram da ordem dos 100 mil milhões de dólares, entre 1982 e 1986.

Não são por acaso as grandes revoltas populares que hoje alastram por vários países sujeitos ao domínio do capital, do Haiti à Coreia do Sul. A ânsia de liberdade e a premência de graves problemas que afectam a vida quotidiana dos trabalhadores, são realidades e exigências que andam de mãos dadas. Esta mesma interligação se reflecte nas lutas operárias nos países capitalistas, lutas que se desenvolvem num quadro muito difícil.

Estes diferentes factores, de par com a crescente influência do socialismo — e hoje com um aceso impacto — na cena política internacional, e ainda a própria força da realidade objectiva (sem compradores não se pode vender...) — tendem a confluir numa alteração indispensável do relacionamento económico a nível internacional. Mau grado a arrogância de Washington, os objectivos da CNUCED não apenas são válidos, como o diálogo e a força dos povos ligados numa exigência comum de desenvolvimento, acabarão por impor as novas relações económicas que são condição do próprio futuro.

## Países africanos debatem independência económica

«O retorno da unidade na luta pela independência económica dos nossos povos torna-se uma condição necessária para garantirmos a nossa própria segurança... Os êxitos que a SADCC pode alcançar, constituem uma valiosa contribuição para a luta dos povos da África Austral contra a opressão, exploração e discriminação» — estas são palavras do presidente angolano, camarada José Eduardo dos Santos, na Cimeira de Maputo, em 1983.

E que bem se poderiam repetir hoje, aquando da realização, nestes dias, em Lusaka, capital da Zâmbia, de mais uma Cimeira da Conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral (SADCC), organização de cooperação económica de que fazem parte nove países desta região. Concretamente, Angola, Botswana, Lesotho, Malawi, Moçambique, Swazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwé, incluindo assim o grupo de nações da «Linha da Frente», o que não deixa de ter particular significado.

Desenvolvimento económico, libertação económica, independência política, luta contra a opressão e exploração — surgem assim claramente como diferentes facetas de

uma mesma batalha.

A prioridade na estratégia de acção definida pelos membros da SADCC é a redução da dependência económica em relação à África do Sul, e que em particular se concretiza no plano dos transportes (produtores de matérias-primas básicas, os países da SADCC vêem-se forçados a utilizar as estruturas e rede de transportes da África do Sul, para a exportação).

Pretende-se desenvolver em particular o «corredor da Beira», o caminho-de-ferro de Benguela e o caminho-de-ferro Tanzânia-Zâmbia.

No plano económico, o relatório de actividades da organização desde a última cimeira (realizada em Luanda), analisa a situação económica dos Estados membros e as incidências de factores nefastos como os prejuízos das agressões do regime sul-africano, a dívida externa, a deterioração dos termos de troca no comércio mundial e as calamidades naturais.

Actualmente estão em fase de implementação ou de estudo 400 projectos, concentrados na agricultura, transportes e energia, sectores considerados como os de maior prioridade.

## Internacional

# Massacre de Homoine é da responsabilidade dos EUA e África do Sul

O massacre cometido na madrugada do passado dia 19 pelos terroristas da Renamo, em Homoine, de que resultaram pelo menos 387 mortos, um número indeterminado de desalojados e inúmeras instalações destruídas, incluindo um hospital, veio uma vez mais demonstrar à opinião pública o verdadeiro carácter daquela organização de bandidos armados pelos racistas da África do Sul, cujo objectivo é tentar impedir a qualquer preço a consolidação da independência e o desenvolvimento autónomo de Moçambique.

Os testemunhos dos sobreviventes falam por si da bestialidade do massacre: «os bandidos mataram no hospital, pelo menos, 80 pessoas, a maioria delas mulheres e crianças de colo»; «os bandidos não vieram para conquistar posições, mas para semear o terror, matando tudo o que lhes aparecia pela frente, homens, velhos, mulheres e crianças».

Mas o terror da madrugada do dia 19 não chegou ao fim. Quatro dias depois, mais nove pessoas foram assassinadas, quando a Renamo atacou uma coluna de viaturas que transportava alimentos para os desalojados de Homoine, tentando desta forma impedir que as cerca de sete mil pessoas refugiadas na sede distrital de Maxixe recebessem a ajuda enviada pelas autoridades de Maputo. As viaturas assaltadas transportavam arroz, óleo, açúcar e roupas.

A responsabilidade pelo massacre foi atribuída pelo governo moçambicano aos racistas sul-africanos. De acordo com informações veiculadas pela agência AIM, «o massacre de Homoine surgiu na sequência de uma infiltração maciça de bandidos armados no sul de Moçambique nos últimos meses. Uma grande parte deles veio directamente da África do Sul através da fronteira de Gaza, e após a infiltração deu-se o reabastecimento por aviões sul-africanos».

Poucos dias antes da carnificina, um porta-voz governamental havia declarado em entrevista à AIM que o objectivo de Pretória era dividir o território de Moçambique na zona da província de Gaza e isolar Maputo, capital do país, após o fracasso de idêntico plano ensaiado ao longo do rio Zambeze, em finais de 1986 e princípios deste ano. Na ocasião foi



Os massacres de civis inocentes, incluindo grávidas e crianças, são prática comum dos bandidos armados pela África do Sul e pelos Estados Unidos (foto de arquivo)

ainda denunciado o facto de estarem a ser intensificadas as acções dos bandidos armados no sul do país e a aumentar o seu abastecimento pela África do Sul por via aérea, enquanto prosseguia o desembarque de armas e munições no centro e norte do país.

De realçar ainda o facto de um Maio último as autoridades da África do Sul terem feito estacionar um batalhão de tropas regulares nas imediações da fronteira com Moçambique na zona de Mapulanguene (província de Gaza), com o fim de assegurar a infiltração e retirada dos

bandos da Renamo no território moçambicano.

Os desmentidos da África do Sul e da Renamo, que de forma incoerente chegaram mesmo a tentar imputar a responsabilidade do massacre de Homoine às Forças Armadas Moçambicanas devido a «conflitos» internos, não convencem ninguém.

As provas da ajuda directa da África do Sul (e do apoio dos EUA) aos bandidos da Renamo são abundantes; e cabe recordar que, pouco antes de ser conhecido o massacre, o representante da Renamo em Lisboa anunciou mais uma «acção vito-

riosa», incluindo a captura de medicamentos. O que não foi dito foi que do hospital de Homoine os bandidos roubaram vidas inocentes...

Também as testemunhas do massacre não têm dúvidas quanto aos seus autores. O engenheiro agrónomo Mark Koevering, americano, a trabalhar no local num projecto de sementes, declarou ter visto 40 a 50 bandidos com equipamento novo e não hesitou em criticar o apoio do Congresso norte-americano à Renamo.

O argumento de senadores como Jess Helms — afirmou Mark Koevering — de que isto é um movimento democrático que luta para libertar o povo não tem qualquer fundamento. Nas aldeias, as pessoas com quem trabalho dormem nos campos porque não podem ficar nas suas casas à noite. Isto não é uma guerra de conquista de território ou de apoio popular, é uma guerra de terror e não vai parar até que aqueles que apolam os bandidos, a África do Sul, sejam parados.

Uma realidade que os EUA se recusam a reconhecer e que cada vez os torna mais cúmplices dos crimes cometidos contra o povo moçambicano.

## Militarização do Golfo torna a situação explosiva

Pouco dias depois do Conselho de Segurança das Nações Unidas ter aprovado por unanimidade uma resolução (de carácter obrigatório) exigindo o cessar-fogo na guerra Irão-Iraque, a situação no Golfo tornou-se, ironicamente, ainda mais explosiva. As decisões dos EUA e da França de enviar para a zona os seus navios de guerra, a pretexto de proteger os petroleiros, revela a aposta em soluções de força numa altura em que a decisão tomada no Conselho de Segurança recomendava mais do que nunca a moderação e o diálogo na resolução dos problemas na região do Golfo. Como se aqueles dois países estivessem decididos em contribuir para prolongar a guerra Irão-Iraque e tornar ineficaz a resolução do Conselho que no entanto aprovaram.

A militarização norte-americana daquela área tornou-se uma realidade; a pretexto de proteger onze petroleiros do Kuwait, a administração Reagan reforçou a sua presença militar no Golfo, afirmando-se disposta a tomar a iniciativa de atacar o Irão se sentir ameaçada a segurança dos seus navios. O porta-aviões «Constellation», com os seus cinquenta caças-bombardeiros, está para isso a postos e Caspar Weinberger declarou publicamente que as forças norte-

-americanas não ficarão à espera de ser atacadas. Não menos significativas são as ameaças de «medidas de retaliação» pelos danos causados por minas no superpetroleiro «Bridgeton», agora a navegar com pavilhão dos EUA.

Segundo afirmou Weinberger, os EUA são «perfeitamente capazes de tomar medidas retaliadoras» se descobrirem quem colocou a mina.

Ou seja, apesar da deliberação do Conselho de Segurança, os norte-americanos

não hesitam em provocar abertamente o Irão e lançar mais achas para a fogueira do conflito no Golfo. A reacção não se fez esperar. O representante iraniano na ONU, embora afirmando que «aquelas minas estão lá há meses, talvez há oito anos», pelo que podem ser ou não iranianas, não deixou de manifestar satisfação «por saber que o petroleiro foi atingido».

Uma «satisfação» que fanáticos se propõem levar mais longe, como foi afirmado em manifestação recente em Teerão, onde milhares de iranianos se afirmaram dispostos a levar a cabo acções suicidas contra os navios de guerra americanos.

A decisão da França de transferir para o Golfo um grupo de combate, incluindo o porta-aviões «Clemenceau», para defesa dos seus navios, se não contribuiu para acalmar a «guerra das embaixadas» que vem travando com o Irão tão-pouco serviu para reduzir as tensões.

Até ao momento não se registaram confrontos, embora os mísseis iranianos estejam apontados ao estreito de Ormuz e estejam ali a decorrer exercícios militares, bem como no golfo de Omã. Mas poucos são os que duvidam de que a qualquer momento pode eclodir um conflito de consequências imprevisíveis.

Se é certo que o Irão se recusa a aceitar a deliberação do Conselho de Segurança, a pretexto desta não responsabilizar o Iraque pelo início da guerra e estabelecer desde já a sua obrigação no pagamento de indemnizações, enquanto por seu turno o Iraque se afirma disposto a acatar a resolução mas corta relações comerciais com a RFA por esta lhe assacar as responsabilidades pelo desencadear do conflito, se isto é certo, repete-se, não é menos verdade que os governos da França e dos EUA se comportam como empenhados em evitar qualquer apaziguamento das tensões existentes.

Resta saber em que medida o facto da França vender parte substancial do seu armamento ao Iraque (40 por cento das exportações em 1983) e simultaneamente abastecer também o Irão (por exemplo 100 000 obus em 1985) e propor-se abastecer o Kuwait, não pesa no dúbio comportamento que vem assumindo em todo este processo.

Quanto aos EUA, não só vende armas a todos os países da região, como está particularmente interessado em aproveitar o conflito para reforçar a sua presença militar no Golfo. Isso explicaria a recente recusa de Reagan da proposta de Gorbachev para a procura de uma forma de actuação comum favorável à paz na região. Recorda-se que o dirigente soviético propôs a retirada do Golfo de todos os navios estrangeiros, o que poderia facilitar o cessar-fogo.

Os EUA não parecem interessados em tal solução.

«No dia 4 de Maio passado teve lugar mais um julgamento político no Tribunal Plenário. O réu era o operário agrícola alentejano António Gervásio, militante comunista preso em Beja no Verão passado e que foi durante 6 meses submetido a ferozes torturas e espancamentos na sede da PIDE.» (...)

— «Qual é a sua profissão?» — «Fui assalariado agrícola, hoje sou funcionário do Partido Comunista», responde Gervásio.

— «Confessa as suas actividades subversivas?» — «O Partido Comunista não é uma organização subversiva; o meu partido é a vanguarda da classe operária que luta pela libertação do nosso povo.»

— «Cale-se! Sente-se imediatamente!», berra espumando o juiz-polícia.

— «Fale mais alto sr. dr. juiz!», responde firmemente António Gervásio. «Fale mais alto porque eu estou surdo dos maus tratos que sofri na polícia; olhe que só dum vez estive 14 horas seguidas a levar pancada.»

Entre ameaças e berros, o «julgamento» é rapidamente concluído: 3 anos e meio de prisão maior e «medidas de segurança» por tempo indefinido. (...)

(«Julgamento no Plenário» — «Avante!», VI série, n.º 303, Julho de 1961)

**AVANTE!** REVISTA DE CULTURA E DE POLÍTICA

«Para ter no Brasil um jornal que espalhe a propaganda do fascismo salazarista e que o apoie criando ambiente favorável à guerra colonial, o Governo encarregou uma empresa de publicidade, pertencente ao «grande patriota» Henrique Tenreiro, da compra do semanário «A Voz de Portugal» que se publica naquele país.

A negociata custa cerca de 7 mil contos.

O povo pagará o aumento da propriedade do «grande almirante do bacalhau». Como a verba para «gastos confidenciais» do ministro do Interior tem servido exactamente para subsídios desta natureza (ao «Diário da Manhã», etc.), decerto que dali sairão os milhares de contos para mais este roubo.

E o facto é que a importância para gastos confidenciais foi de 12 mil contos em 1960 e passou para 20 mil em 1961. Um leitor.»

(«Negociatas» — «Avante!», VI série, n.º 303, Julho de 1961)

**AVANTE!** REVISTA DE CULTURA E DE POLÍTICA

«No dia 26 de Junho realizou-se o funeral do camarada José Adelino dos Santos. Para mais de 2500 pessoas aguardavam a chegada do cadáver. Havia indignação, lamentações e choros. Mais de 300 praças da GNR armados de metralhadoras cercavam Montemor.

O funeral veio acompanhado desde Vendas Novas por uma caravana de dez jeeps da GNR, comandados pelo capitão Caldeira, de Évora. Andaram a dar voltas com o corpo, para fugirem à multidão que o esperava. Mas a população rompeu os cordões da guarda que barravam o caminho do cemitério e concentrou-se neste em número superior a 1500 pessoas. O funeral constituiu uma grande manifestação de repulsa contra os assassinos.

Mais um trabalhador de Montemor, António Farrica, foi assassinado pela PIDE, na prisão, e em Caxias estão presos mais de 240 trabalhadores daquela localidade.» (...)

(«Em Montemor 2500 pessoas no funeral de José Adelino dos Santos» — «Avante!», VI série, n.º 259, segunda quinzena de Julho de 1958)

## «Encontrámo-nos na CDU vamos continuar juntos!»



**O**lha, ficou a recordação de muitas coisas giras e importantes feitas em conjunto e, acima de tudo, muita vontade de continuar. Assim nos falava a Ana Olímpia (estudante do

12.º ano) que participou, durante a recente campanha eleitoral, na caravana jovem da CDU que percorreu todo o distrito de Lisboa. Perguntávamos-lhe o que tinha ficado de um mês de campanha da CDU. «Ficámos tristes com os resultados, mas não ouvi ninguém dizer que desistia, que não tinha valido a pena o esforço. A vontade de continuar é tão forte como antes». Da determinação, da alegria e vontade que se descobriam por detrás destas palavras da Ana, descobrimos o sentido da decisão tomada no final da campanha e recentemente reafirmada pelo Comité Central do PCP e pela Direcção Nacional da JCP, de levar por diante a realização em Outubro de uma grande iniciativa de reencontro, depois das férias, dos jovens que na CDU se encontraram.

Foi reconhecida por todos a forte componente juvenil da campanha da CDU. Nos milhares de iniciativas que por todo o país se realizaram, era uma evidência a participação própria, empenhada, criativa, irreverente, de milhares de jovens, uma boa parte dos quais sem actividade política anterior ou que tinham, antes, mesmo, participado em campanhas da direita. Ainda assim, muitos tentaram distorcer tal realidade. Duas semanas depois das eleições para a Assembleia da República e Parlamento Europeu, fomos em busca dos restos na memória desses dias. Os balanços, as análises dos camaradas mais responsáveis da campanha juvenil da CDU, o relato e a opinião anónima de alguns jovens que, com a sua iniciativa, contribuíram para a grande campanha da CDU.

E não se pense que têm estas linhas qualquer intenção alienatória dos resultados que acabaram por verificar-se. Tendo presente precisamente esse facto, importa avaliar com rigor o alcance das iniciativas da campanha e, sem prejuízo da necessária análise das causas dessa derrota da democracia, valorizar na correcta medida o trabalho desenvolvido.

No horizonte, para já, está o Encontro da Juventude CDU marcado para Outubro. Para além disso, estão muitos mais dias de luta e festa, neste grande esforço colectivo de levar por diante a construção de um país livre. ■

# A campanha da unidade e da alegria

**A** campanha da juventude foi assinalavelmente maior, em número de jovens envolvidos, em capacidade de iniciativa e em entusiasmo, do que a participação juvenil em campanhas anteriores. (Da resolução da reunião da Direcção Nacional da JCP de 26 de Julho).

Ainda que o balanço final esteja longe de estar feito, esta é, entretanto, uma conclusão aferida, desde já, pelo conhecimento directo dos milhares de iniciativas, grandes e pequenas, que por todo o País se realizaram durante a campanha e a pré-campanha. António Filipe, do Secretariado e do Executivo da DN e que foi candidato da CDU pelo círculo eleitoral de Lisboa, dizia-nos a este propósito que «só os seis candidatos jovens de Lisboa participaram durante a campanha em cerca de uma centena de iniciativas».

Caravana Jovem CDU, os Espaços Jovem, as caravanas de bicicletas, as brigadas de animação, o vídeo gigante, os espectáculos, os debates, compuseram uma diversificada e específica campanha eleitoral que foi, com o correr dos dias, arrastando mais e mais jovens num crescendo até à noite do dia 17.

Uma campanha que começou cedo. O Encontro Nacional da JCP, aberto à participação de quantos o desejassem, realizado a 31 de Maio na Faculdade de Letras de Lisboa, foi o ponto de partida de uma campanha que decorreu no final de um ano de intensa movimentação juvenil, facto que não pode deixar de ser realçado. Em que consistiu a novidade desta campanha juvenil, qual a sua natureza e características essenciais, o porquê do encontro marcado para Outubro, sobre tudo isto se lerá nas linhas que se seguem.

Dias antes de começar a campanha escrevia-se aqui no «Avante!»: «nenhum governo desde há anos, defrontou como este a revolta e o protesto juvenil».

Referiamo-nos naturalmente, ao Governo do PSD de Cavaco Silva. Para compreender verdadeiramente as razões da grande pujança da campanha juvenil da CDU é neces-

sário ter presente que, nos últimos tempos, o rico e diversificado movimento juvenil em Portugal tem assinalado variados desenvolvimentos inovadores e positivos. «As eleições surgiram num momento ascendente do movimento juvenil», disse-nos Carlos Rabaçal do Secretariado e do Executivo da DN.

Para só falar dos últimos meses, iniciativas como o seminário dos Trabalhadores-Estudantes, o Encontro Nacional da Associações Juvenis, o Concerto pelo Emprego e os seis dias de luta, o Encontro dos Jovens Desempregados, denotam um crescendo de participação e intervenção social dos jovens. As lutas contra o desemprego e o trabalho precário, o insucesso escolar e as severas restrições no acesso ao Ensino Superior, nomeadamente através do «numerus clausus» mobilizaram em todo o País milhares de jovens.

À partida, e salvaguardada a identidade e natureza própria do movimento juvenil e das suas estruturas, a campanha juvenil da CDU quis ser o espaço de unidade e encontro de todos os jovens que anseiam por «querer ser felizes», a expressão na campanha eleitoral

das reivindicações e anseios expressados por todas as formas ao longo do ano de governo de Cavaco Silva.

## Unidade e alegria

Como a Direcção Nacional da JCP justamente realçou, a campanha da juventude foi «uma campanha onde a unidade e a alegria, a combatividade e a confraternização foram a tônica dominante. Aquilo que se passou com a Caravana jovem da CDU foi bem o exemplo disso (ver caixa). Esta caravana percorreu ruas, praças, avenidas, praias, feiras, do distrito de Lisboa. Por onde passava, mais jovens se juntavam e assim a caravana chegou ao comício de encerramento no Rossio com cerca de duzentos jovens quando no início tinha apenas cerca de quarenta. Todos os pretextos eram bons para o convívio, a conversa amiga sobre os problemas que são comuns, e a alternativa que é possível construir, com o esforço de todos.

O mesmo se passou com os Es-

paços Jovem. Instalados nos locais mais movimentados das cidades, eles foram a animação em permanência. Por lá passaram músicos, candidatos, jovens integrados em estruturas juvenis, e outros.

E que dizer das caravanas de bicicletas que percorreram por duas vezes os concelhos de Oeiras e Cascais? Que dizer dos muitos encontros e conversas com os candidatos jovens nas listas da CDU? O Encontro dos candidatos de Lisboa com jovens artistas, músicos, artistas plásticos, em que participaram cerca de duzentas pessoas, no terraço do Centro de Trabalho Vitória. Ou o encontro dos candidatos com jovens apoiantes que integrados aos mais variados níveis das estruturas do movimento juvenil deram o seu apoio à CDU.

Neste sentido, a campanha jovem da CDU fez-se de múltiplas expressões, ao jeito da sensibilidade dos jovens que a fizeram e lhe deram corpo.

Foi, como já referimos, uma campanha alegre, colorida mas onde a palavra não se perdeu. Ao longo da semana foram surgindo diversos documentos contendo as «propostas específicas para a juventude — o



compromisso e Manifesto eleitoral, o Jornal dos Apoiantes e muitos outros materiais de âmbito distrital e local».

Destaque merece naturalmente o «Compromisso dos candidatos da Juventude na CDU». Aí se deu voz à esperança colectiva de milhares de jovens em verem resolvidos problemas que se arrastam há anos, comprometendo o seu futuro e o do País, em domínios tão variados como o emprego, a habitação, o ensino, a realização humana dos jovens, a paz e a defesa do património cultural e ecológico.

Carlos Rabaçal, da direcção da JCP afirmou-nos a este propósito que «contámos nesta campanha com um capital importante que constituiu a acção dos deputados comunistas jovens na Assembleia dissolvida que levou à aprovação com os deputados de outros partidos democráticos de muitas medidas exigidas pelos jovens, trabalho que continuará, da nossa parte, nas novas condições da AR, na defesa, como antes, dos direitos juvenis.

Ao longo de toda a campanha, a alegria e o esclarecimento da campanha juvenil da CDU respondeu taco a taco contra colossais meios técnicos e financeiros à demagogia da direita e concretamente do PSD.

## Encontro em Outubro

Mas, evidentemente os resultados não foram positivos. Como afirma o documento da Direcção da JCP, «um número significativo de jovens associaram erradamente à política do governo do PSD melhoramentos pontuais resultantes de factores económicos internacionais fortemente favoráveis a Portugal, deixaram-se iludir pela demagogia e por medidas eleitoralistas do governo PSD, não acreditaram na possibilidade de uma alternativa democrática credível face às divisões no campo democrático, e votaram contra os seus próprios interesses, dando a maioria absoluta ao PSD».

Mas, como nos disse António Filipe, «os resultados não nos podem fazer esquecer o grande capital de energia e iniciativa, os novos amigos que se fizeram e descobriram, a grande vontade de continuar a fazer coisas em conjunto.»

A ideia do prosseguimento da juventude CDU, marcando desde já encontro para Outubro próximo «surgiu naturalmente no auge da campanha e não desapareceu, antes pelo contrário, por causa dos resultados. «Foram muitos os jovens que se sentiram bem, participando na campanha CDU. Junto com os jovens comunistas muitos outros encontraram aí o seu espaço próprio de participação que não querem ver acabado».

Na sua reunião de 26 de Julho, a JCP decidiu empenhar-se activamente em fazer deste encontro o prosseguimento em alegria e criatividade da campanha da CDU.

Importa, por fim, realçar o papel da Juventude Comunista Portuguesa nesta campanha, capacidade que revelou no contacto aberto e fraternal com outros jovens não comunistas, o esforço na procura de



propostas e soluções para os mais graves problemas, a capacidade de intervenção e mobilização, confirmaram a JCP como o elemento motor e dinamizador desta grande jornada. Encontraram-se na CDU muitos e muitos jovens que nada têm que ver com a JCP mas que comungam com os jovens comunistas dos mesmos anseios de paz e liberdade. Encontraram-se e sentiram-se bem. A JCP saiu reforçada e com uma larga experiência, rica de ensina-

mentos, desta campanha. Experiência que há que ter em conta na batalha que se avizinha.

É mais que previsível o agravamento dos problemas e da situação dos jovens. Hoje, como ontem, o movimento juvenil estará na primeira linha de luta contra a política anti-nacional e anti-democrática de Cavaco Silva. Preservando como valor fundamental a unidade, a luta prosseguirá em conjunto, pelos problemas que são comuns. ■

# Foi mesmo uma festa!

**A** Ana Olímpia tem 18 anos. Está na JCP há um ano e «nunca tinha assim participado em nenhuma campanha eleitoral». Acompanhou sempre a caravana jovem da CDU. Não é sem uma pontinha de emoção que recorda os momentos passados. «O ambiente foi muito bonito, não se notava quem era e quem não era da JCP. Havia era a malta da CDU que estava ali, a lutar por uma coisa justa. Por onde passávamos aparecia malta nova que também queria participar.»

Quando se diz que a campanha jovem da CDU foi uma grande festa, um enorme espaço de convívio, alegria e amizade, talvez que assim dito não se aperceba facilmente o ambiente que se viveu e o que significaram para os jovens que a fizeram. «Fomos várias vezes à prala, levávamos as bandeiras, era uma festa, estávamos ali, cantávamos, não incomodávamos as pessoas que ali estavam a descansar. Falávamos com muitos jovens, discutíamos com eles...»

O Vasco Ramalheite, tem 21 anos e fez a campanha em Cascais e

Oeiras. Disse-nos ele que «esta campanha foi muito diferente, foi mesmo uma festa, podes crer, foi um espírito muito diferente das outras, o pessoal entusiasmou-se». A Manuela Santos, de 19, interrompe e diz que «é mesmo verdade e as outras pessoas sentiam isso, muita malta nova que aparecia, às vezes nem tinha muita consciência do que estava a fazer mas depois interessava-se a sério e tínhamos discussões grandes sobre os problemas e sobre o que a CDU pensava». Houve mesmo alguns jovens que decidiram aderir à JCP, mas «all nem sequer isso tinha muita importância, estávamos todos juntos, fôssemos ou não da JCP».

O Vasco faz questão de contar a história do concerto com os Delfins em Cascais quando, depois do início com Cavaco Silva, alguns militantes do PSD ali se concentraram na provocação contra o espectáculo da CDU. «As pessoas que estavam à volta e que nem sequer tinham nada que ver connosco começaram a protestar e que não havia direito, que ninguém os tinha chateado que motivo tinham

eles para irem provocar.» Sabes, eu senti que a agressividade deles aumentou estupidamente nesta campanha, pelo menos naquela zona. Insistiam sempre em ir fazer provocações para o pé do Espaço Jovem.

Quando perguntámos à Ana o que pensava ela dos dias que tinha passado, os ombros encolheram-se, «oh pá é tão difícil dizer, fiquei com muita vontade de fazer mais coisas e, para além disso, com muitos, muitos amigos, ainda ontem à noite ia com um pessoal amigo depois encontrei um gajo que tinha andado com a malta e ficámos a falar, juntámos os dois grupos; toda a malta que eu encontro fala em a gente combinar qualquer coisa».

Nos concelhos de Oeiras e Cascais, entretanto, os jovens apoiantes da CDU tiveram já um encontro. «Temos que discutir e arranjar coisas para fazer. Olha já que cá estás até podes noticiar que a malta vai fazer um acampamento no Portinho da Arrábida no próximo fim-de-semana. A organização é da JCP mas vai toda a malta.»

A mesma pergunta à Ana, o que sente um jovem de vinte anos depois de ter participado durante um mês na campanha da CDU e a resposta é imediata e em uníssono, entre a Manuela e o Vasco: «Que pena, que pena a campanha ter acabado!» «Todos os dias havia iniciativas, diz a Manuela, muito dinamismo, não eram aquelas coisas chatas e burocráticas, aprendemos todos muito com isto tudo, e está-nos a fazer pensar um bocadinho sobre a nossa actividade na JCP.»

Quando perguntamos sobre os resultados, a resposta é sempre a mesma, seja a Ana, o Vasco ou a Manuela. «A malta está entusiasmada, ficámos tristes mas temos todos muita vontade de continuar.» Diz a Manuela que «sabes, um amigo nosso que também andou na campanha, no dia a seguir às eleições foi despedido, o processo dele está no sindicato e tudo; era servente da construção civil, o patrão disse-lhe que agora era mesmo ele que mandava». «Isto revolta mesmo. Não podemos ficar parados e ninguém quer ficar parado.» ■

# LEI DO MECENATO

**M**as, afinal, o que é a Lei do Mecenato? Um efectivo contributo para a solidariedade do capital privado no desenvolvimento cultural do País? Ou uma forma de alienação do Estado das suas obrigações de apoio e fomento da actividade cultural? Uma forma aliciante de canalizar para a Cultura parte dos imensos lucros do grande capital, ou mais uma porta aberta para a fuga ao fisco?

Um processo de aumentar os meios financeiros disponíveis para a acção cultural, ou um esquema de controlo da acção cultural das instituições associativas de intelectuais e populares? Uma fonte de rendimentos para apoio ao desenvolvimento de um património cultural não rentável, ou um método de colonização cultural, com a promoção de «valores» imediatistas para consumo e propagação?

Um medida de descentralização cultural, geográfica e temática, ou uma mais agravada forma de centralização cultural posta nas mãos do grande capital associado?

Um criar de condições à livre expressão de escritores, cineastas, teatristas, músicos, pintores, escultores, investigadores, historiadores, intelectuais e criadores em geral, ou um colete de forças atinente à subserviência dos homens e mulheres da cultura aos interesses ideológicos do grande capital?

Foi para tentar responder a estas questões — ou a parte delas — que se realizou na Casa da Imprensa uma sessão-debate com o tema «Lei do Mecenato, a ponta do iceberg?», promovida pelo Sector de Artes e Letras da Organização Regional de Lisboa (ORL) do PCP. Um

**José Manuel Mendes**, escritor e deputado; **Mário Jacques**, actor e encenador; e **Carlos Consiglieri**, economista, participaram naquela sessão, apresentando, tendo em conta as suas áreas de intervenção no quotidiano, ângulos diferentes para a abordagem da Lei.

**Lei do Mecenato: um processo, ainda pouco trabalhado, de passagem para o capital privado das obrigações que constitucionalmente competem ao Estado, e, numa primeira tentativa, para justificar radicais diminuições de verbas do Orçamento do Estado para a cultura?**

contributo que vem ao encontro de uma necessidade fundamental: aos intelectuais, aos artistas, aos criadores, individuais ou associados, às associações populares e autárquicas e ao povo em geral cabe reflectir sobre o significado mais profundo da Lei do Mecenato.

## Capital privado substitui o Estado?

Recorrendo à clara intervenção de **Mário Jacques**, vejamos um primeiro apontamento:

## Um contributo para a reflexão e o esclarecimento

«Pode dizer-se que, de uma forma geral, as pessoas ligadas, de uma maneira ou de outra, à cultura e em particular aos criadores, receberam a chamada Lei do Mecenato com uma expectativa optimista.

«A cultura vive uma situação financeira tão miserabilista, que qualquer coisa que possa vir a mais é um maná inesperado.

«Sem querer frustrar essa expectativa, pensamos que é necessário analisá-la, pelo menos à posteriori, já que ela não foi posta à discussão antes de abortada.

«Em primeiro lugar surge a pergunta natural: a Lei do Mecenato abre vias para um aumento substancial de capitais disponíveis para o financiamento da actividade cultural, ou propõe-se antes motivar o capital privado para se substituir ao Estado?

«A secretária de Estado da Cultura abre o folheto publicitário do mecenato cultural com quatro parágrafos onde afirma que ao "proporcionar condições favoráveis para o exercício do mecenato cultural, o Governo dá cumprimento ao seu Programa".

«Ora, sabemos que, em linhas gerais, a política do Governo, expressa no seu programa, é a de "menos Estado".

«Daí o ataque à comunicação social, às nacionalizações, à banca, aos seguros, e a tentativa de reprim

vatização dos mais importantes vectores do Sector Empresarial do Estado.»

## Três questões importantes

**Carlos Consiglieri** avançou três questões importantes na sua análise à **Lei do Mecenato** (n.º 258/86 de 28 de Agosto):

• Para além de um acanhado preâmbulo de lugares comuns de exaltação patrioteira (6 vezes a palavra Portugal e portugueses em 27 linhas), nada se diz de política cultural, nem nada se inova através do «mecenato» que aliás nem uma só vez é referenciado;

• Os incentivos fiscais privilegiam exclusivamente o capital, enquanto os direitos e os honorários dos criadores, dos artistas e demais trabalhadores intelectuais não estão contemplados nesta lei;

• Os mecanismos de aplicação da lei, isto é, dos incentivos fiscais, limitam-se a um despacho conjunto dos ministros das Finanças, da Educação e Cultura, sem no entanto, serem explicados os critérios e os seus conteúdos, ou se apresentarem os princípios balizadores de uma qualquer política cultural.

E acrescentou **Consiglieri** que a referida lei, para além do mais, re-



mete os incentivos fiscais para os que já se encontram previstos na Lei n.º 13/85, relativamente à defesa do património cultural. Porém, esta lei está por regulamentar em muitos dos seus aspectos específicos.

A ligação destas duas leis faz admitir que o grande objectivo a atingir é entregar o património cultural à usufruição da iniciativa privada aligeirando o Governo as suas responsabilidades e os orçamentos dos departamentos públicos respectivos, dando ao capital meios de criar uma imagem renovada.

## Pequenas e médias empresas excluídas

«Criando dependências imprevisíveis entre museus, bibliotecas, escolas, institutos e associações de ensino ou educação e o grande capital, as empresas privadas através de vários benefícios fiscais irão ter instrumentos promocionais e de marketing que até hoje não dispunham, em grande parte à custa de impostos previstos no Orçamento do Estado», salientaria mais adiante o economista **Carlos Consiglieri**, que acrescentou:

«Utilizando os limites de vendas como critérios, as pequenas e médias empresas estarão à partida excluídas. Ainda ao fazer incidir através do imposto complementar outro benefício fiscal (este sobre o rendimento global líquido) está-se a beneficiar as empresas com grandes volumes de lucros.

«Por outro lado, deixa esta lei completamente aberto o caminho a todas as espécies de compromissos, de exigências e de critérios selectivos impostos (sugeridos) pelos mecenatas, adaptando aos seus interesses de classe a cultura nacional e colocando-a como ao património cultural na dependência de entidades que, à partida não têm qualquer vocação cultural.

«Não basta falar de apoio financeiro à criação, à acção e à difusão, nem nos meios adequados para estimular, facilitar e desenvolver a cultura, quando estas palavras são simples abstrações na legislação em causa.»

«É necessário salvaguardar o direito de relação directa e livre entre o agente cultural e o empresário interessado e disposto a apoiar a actividade cultural; é necessário denunciar as tentativas totalitárias de orientação ideológica da SEC, e de concentração dos financiamentos nas mãos de uma associação patronal, ou de entidades privadas com vocação centralizadora; é necessário contrapor uma lei que garanta uma efectiva descentralização cultural, a liberdade de negociação entre o agente cultural e o seu financiador, a defesa da actividade cultural das associações populares de cultura, e que não sendo apenas uma lei fiscal e de fiscalização, exija das multinacionais a obrigação de reinvestir no País e na cultura do País, uma percentagem dos seus lucros.»

Na reflexão individual e colectiva tomada possível pela recente iniciativa do Sector de Artes e Letras da ORL do PCP, avançaram-se alguns tópicos essenciais sobre a dinâmica das leis culturais que interessam ao País e aos portugueses. A defesa de políticas e orientações democráticas para a cultura, a defesa dos interesses socio-profissionais dos intelectuais, da democratização, da descentralização cultural, da dinamização da criação artística e da vida cultural — pela cultura portuguesa, contra a colonização cultural — são pontos fundamentais a ter em conta.

Como disse **Mário Jacques**, pretende-se «uma lei que imponha e defenda a produção nacional, que proteja os criadores da concorrência ilegítima da sub-produção cultural estrangeira e em particular yankee.» Pretende-se uma lei verdadeiramente democrática, de solidariedade social, mobilizadora. Não se pretende uma lei «liberal» no plano da economia e totalitária no plano ideológico e político. ■

## «Menos Estado» mais controlo

A diminuição da participação do Estado no financiamento da actividade cultural não corresponde, ao contrário do que se poderia pensar, uma diminuição do controlo ideológico deste Governo.

Este Governo sabe como ele próprio diz no preâmbulo do diploma, que existe uma «crescente intervenção da ajuda privada na vida cultural do País». Há pois, pensou ele, que controlar esta «ajuda privada».

Em primeiro lugar delimitando-a. Como? Através de benesses fiscais que apenas sejam susceptíveis de aliciar os grandes empresários com significativo volume de vendas.

Mas porque até o grande capitalista pode não ler a mesma cartilha, o Governo exige que essas «ajudas privadas» sejam encaminhadas para projectos que deem garantia de **manifesto interesse cultural**, cujo manifesto interesse deve ser apreciado, avalizado, pela Secretária de Estado da Cultura e pelo Ministério das Finanças, que emitirão despacho conjunto.

Desculpem, mas não consigo deixar de imaginar o pobre do Virgílio, rodeado pelo Cadilhe e pela Teresa Gouveia, desesperado, exaurido, a ler o noningentésimo quinquagésimo segundo verso da sua Eneida, suspenso da «apreciação» daquelas duas boas almas, à espera de um sim que lhe permita ir a correr dizer ao Mecenata, de seu nome: **já podes dar o cacau!**

E o velho romano, desconfiado como qualquer romano que se preze, a perguntar-lhe:

— «Trazes o despacho conjunto?»

— Está aqui!

Manifestamos interesse

Assinado: cultural

Estes são os dois aspectos fundamentais, que, do meu ponto de vista, ressaltam da «Lei do Mecenato»:

• **Por um lado**, a tentativa de encontrar fontes de financiamento à actividade cultural que permitam reduzir substancialmente as dotações do Orçamento do Estado para a cultura, ou seja: **menos Estado sem que haja mais dinheiro**.

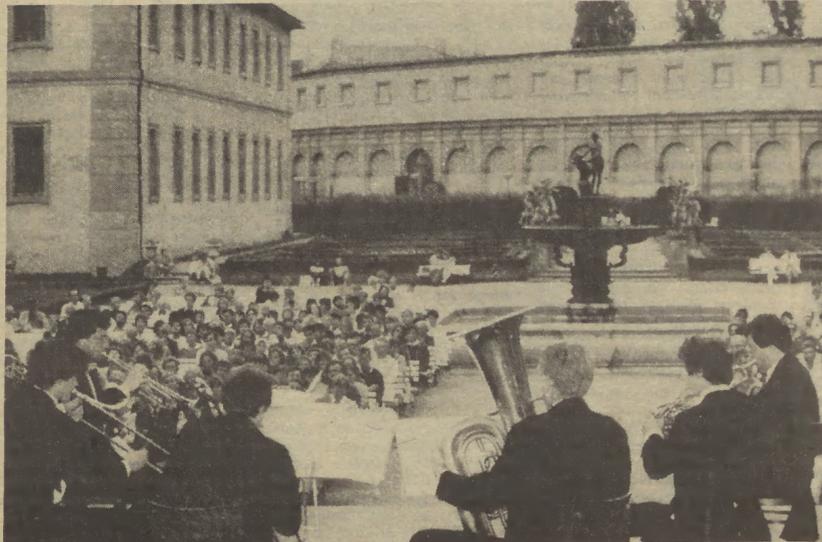
• **Por outro lado**, o apertado controlo desse financiamento privado: impedir que se desenvolvesse a situação que se começava a desenharem de uma relação directa e independente entre o agente cultural, não apoiado pelo Estado, marginalizado pelas «comissões de qualidade» da SEC, segregado por razões políticas e ideológicas, e um empresariado, ou pelo capital privado, moderno, empreendedor, culto, consciente da importância económica de uma vida cultural dinâmica.

No caso concreto do teatro, que é a minha área, já se conhecem vários casos de grupos que foram bater a portas anteriormente abertas, que agora se lhes fecharam na cara, porque era preciso o «despacho conjunto».

A lei do mecenato não oferece na realidade quaisquer garantias de democratização da cultura, nem de substancial aumento do orçamento para a cultura.

Que garantias pode ela dar, por exemplo, a um jovem cineasta, excluído do limitado número dos eleitos do IPC (Instituto Português do Cinema), que queira arrancar com uma primeira obra e não pode oferecer nem um nome prestigiado, nem garantias de ampla difusão da sua obra, ou sequer vislumbres de uma receita capaz?

■ **Mário Jacques**, na sessão-debate realizada na Casa da Imprensa



As empresas apoiam as iniciativas de índole cultural e são beneficiadas face ao fisco. À primeira vista, é uma boa ideia. Todos ficam a «ganhar»... Mas vendo bem as coisas, talvez não seja um mar de rosas...



# PANAMÁ

## Bases militares e drogas

### agitam águas do Canal

**A** droga, como a fome, como a peste, como a guerra, talvez seja o quinto cavaleiro do apocalipse que o profeta anunciou. São palavras de Manuel António Noriega, actual chefe das Forças de Defesa do Panamá e principal alvo da intensa campanha de desestabilização lançada pelos Estados Unidos contra o Panamá em ligação com os sectores mais reaccionários do país, assente justamente na pretensa implicação de Noriega no tráfico de drogas.

De referir, como curiosidade, que aquelas palavras foram proferidas há mais de uma década, numa conferência sobre drogas realizada em Viena em Outubro de 1973, e que desde então Noriega tem sido o responsável da guerra movida pelo Panamá contra o tráfico de drogas. Não menos curioso é o facto daquele oficial ter recebido vários louvores pela acção desenvolvida neste domínio, incluindo os EUA.

O que aconteceu para que se registasse uma mudança tão radical de atitudes? Uma breve análise dos mais recentes acontecimentos no Panamá pode fornecer a resposta.

Tudo começou quando o ex-chefe do estado-maior do exército, coronel Roberto Díaz Herrera, uma vez passado à reserva acusou o governo e a oficialidade — em especial Antonio Noriega — de actos de corrupção, fraude eleitoral e até de participação no assassinato do ex-presidente Omar Torrijos, em 1981. A partir de então os acontecimentos precipitaram-se de forma bem orquestrada.

Os sectores oligárquicos, empresariais, algumas organizações estudantis e os partidos da oposição apelaram à mobilização popular para exigir mudanças políticas no país. As manifestações de rua, que a imprensa burguesa prontamente fez divulgar por todo o mundo, tiveram como protagonistas principalmente as donas-de-casa da média e alta burguesia, que fizeram soar as suas caçarolas várias vezes ao dia, os grandes comerciantes e o apoio maciço dos quase 100 bancos instalados na Cidade do Panamá, 80 por cento dos quais estão nas mãos do capital estrangeiro.

Simultaneamente, os Estados Unidos desencadeiam uma campanha de apoio a estes sectores, recorrendo a meios que vão desde a acção encapotada da CIA à mais descarada ingerência do Congresso nos assuntos internos do Panamá.

Um editorial recente do «Washington Post», por exemplo, apelava para «um processo pacífico para a democracia com civis eleitos livremente e com os militares nos quartéis», enquanto uma nota do Departamento de Estado exigia para o Panamá «eleições livres e sérias». A embaixada norte-americana naquele país, por seu turno, convertia-se no centro das actividades conspirativas, chegando ao ponto de divulgar através do diário «La Prensa» uma declaração em que se afirmava que os EUA seguiam «de perto a situação nacional e apoiavam os pedidos de esclarecimento das acusações contra o governo e oficiais das Forças Armadas». Idêntica atitude tomada pelo Congresso, numa inadmissível ingerência nos assuntos internos de um

país soberano, tornaram muito clara a existência de um plano concertado contra as autoridades panamianas, cuja política de defesa da independência nacional e de apoio à solução pacífica dos problemas da América Central está longe de agradar a Washington.

Um plano que tem como pano de fundo a questão da soberania sobre o Canal do Panamá, a qual deverá ser devolvida ao país no primeiro dia do ano 2000 conforme o acordado nos tratados Torrijos-Carter, de 1977. Mais do que a importância económica do Canal está em jogo a sua importância estratégica, pois ali têm os Estados Unidos instalado o quartel-general do Comando Sul norte-americano, centro da generalidade das acções de espionagem e informação para a América Central, para além de bases militares de forças de intervenção rápida e de vigilância.

### A estratégia da aranha

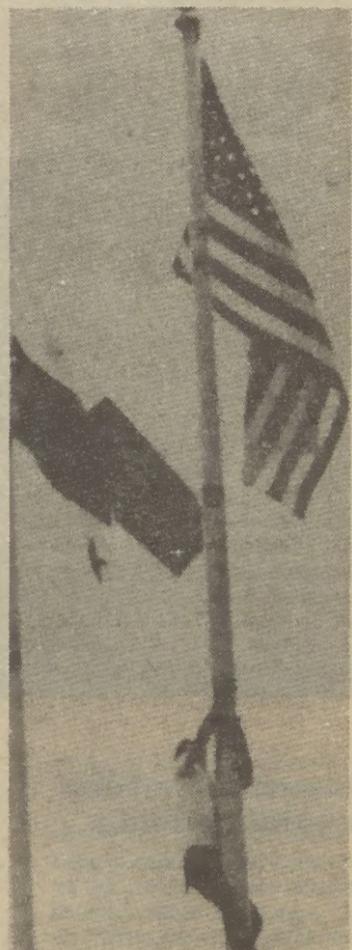
As manobras de desestabilização e ingerência norte-americana no Panamá não são de hoje. Já nos últimos dias de 1985 o serviço de informação militar do Panamá divulgou um documento que fornecia dados concretos sobre um plano da

administração Reagan e implicava o próprio Departamento de Estado.

Segundo aquele documento, o objectivo era impedir o cumprimento dos tratados Torrijos-Carter, que estipulam a entrega do Canal e o desmantelamento das bases militares norte-americanas instaladas na zona. Para tanto, de modo «não oficial» e «informalmente» a administração Reagan propôs a entrega da soberania do Canal com dez anos de antecedência em troca da garantia de que as bases norte-americanas poderiam permanecer no Panamá «por um prazo indeterminado».

A recusa de tal proposta, de acordo com a opinião das autoridades panamianas, terá sido o detonador da presente campanha de calúnias, aliada com toda a espécie de pressões políticas e económicas. Recordar-se que em Abril passado os EUA acusaram o Panamá de violação dos direitos humanos, pretexto utilizado para suspender a ajuda à luta contra o tráfico de drogas. Ao mesmo tempo, países como El Salvador, Honduras e Guatemala anunciam o encerramento das suas fronteiras aos produtos provenientes da zona livre de Colón.

Não é necessária muita imaginação para adivinhar como esta estratégia da aranha se apoia a nível interno nas forças mais reaccionárias, ao mesmo tempo que explora legítimas insatisfações populares. Na opinião do Partido do Povo do Panamá (comunista), os EUA utilizam a reacção interna aproveitando a



*O Panamá está em luta pela sua soberania; a bandeira norte-americana que domina ainda o Canal não será símbolo de dependência*

## 16 anos de luta contra o tráfico

O Panamá tem sido utilizado desde longa data pelos grandes narcotraficantes como ponto de passagem para as drogas produzidas em diversos países da América Latina e das provenientes da Europa com destino aos Estados Unidos. O combate ao tráfico de drogas, em especial a partir da década de setenta, se por um lado grangeou simpatias para as autoridades panamianas por outro esteve na raiz de hostilidades e não apenas nos sectores directamente implicados em tal negócio. A verdade é que os EUA por várias vezes se socorreram do problema da droga para exercer pressões sobre o Panamá.

No tempo do general Omar Torrijos, que iniciou o processo de independência política em relação ao imperialismo norte-americano, a

questão do combate à droga foi utilizada — como o está agora a ser em relação ao chefe das Forças de Defesa do Panamá, Antonio Noriega — para o desacreditar a desautorizar politicamente. Na altura, a CIA fabricou uma acusação de pretensas ligações do irmão do general, Moisés Torrijos, então embaixador em Espanha, ao tráfico de drogas. Simultaneamente, e como forma de comprometer a política externa de Torrijos, desencadeou uma campanha de calúnias idênticas contra o ministro dos Negócios Estrangeiros, Juan Antonio Tack.

Entre as figuras que participaram nesta campanha anti-panamiana destacam-se Richard Helms, ex-director da CIA e o ex-cessor presidencial John Mitchell; o primeiro ocupa um lugar no Congresso, o segundo foi preso por participação activa no escândalo do Watergate. Como hoje, também então a imprensa desempenhou o seu papel na divulgação das falsas acusações de corrupção, ajudada ainda pelo responsável da CIA no Panamá, em Outubro de 1971, Stanley Burnett.

Este último facto é reconhecido num documento «ultra-secreto» assinado pelo então director da DEA (Drug Enforcement Administration/Agência Anti-Drogas) em Washington, Peter Bensinger, em Janeiro de 1978.

A carta de Bensinger é um dos numerosos documentos que constam do livro «Panamá, 16 anos de luta contra o tráfico de drogas», publicado em finais do ano passado pelo governo daquele país com o objectivo de esclarecer e confirmar o seu empenhamento no combate ao tráfico de drogas.

Um combate a que está ligado desde há vários anos o general Noriega, sobre quem se centram agora as acusações de corrupção veiculadas a partir dos Estados Unidos. Como se comprova no referido livro, através duma série de reproduções de fotos, estatísticas, cartas e outra documentação, vários foram os louvores e reconhecimentos oficiais norte-americanos à actuação das autoridades do Panamá contra este flagelo do comércio dos estupefacientes. Nas suas mais de trezentas

páginas, este «livro branco» mostra como o governo do Panamá se têm empenhado nesta tarefa, colocando-se na primeira linha do combate à droga que considera como «um dos piores crimes contra a humanidade, tal como o seria o ataque nuclear».

### Uma guerra persistente

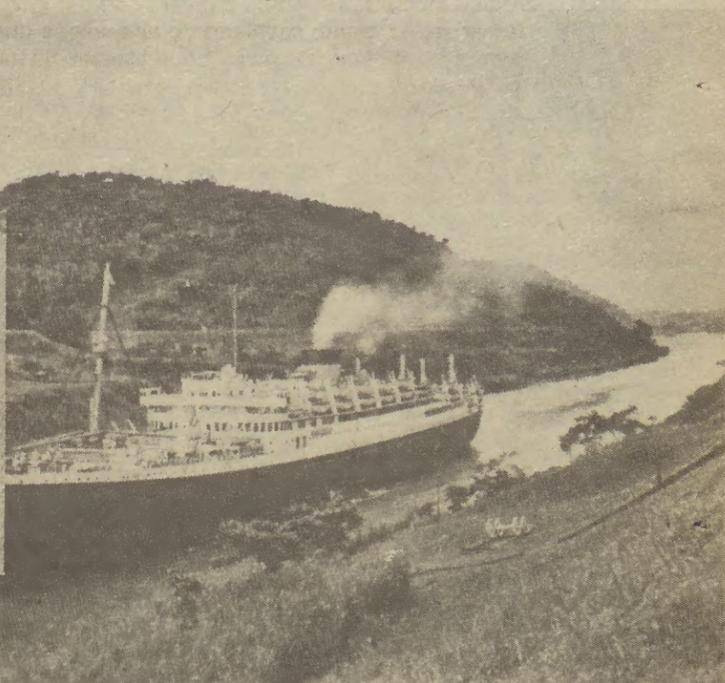
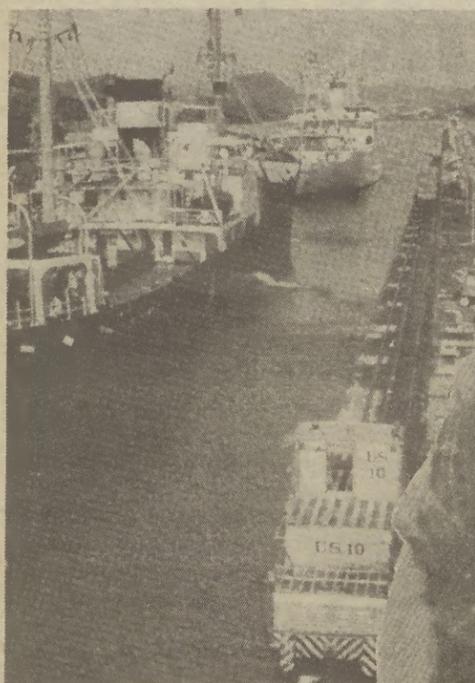
O citado livro fixa no início dos anos 70 o período de maior produção e consumo de drogas (cocaína e marijuana), particularmente nos Estados Unidos. Durante essa década a Guarda Nacional do Panamá efectuou no entanto significativas confiscações de droga e deportou 201 pessoas ligadas ao seu tráfico.

Segundo as autoridades, o Panamá passou a ser encarado como potencial centro de operações quando alguns governos se comprometeram numa guerra conjunta contra o narcotráfico. A seu favor estava a

estratégica localização geográfica, que facilitava a recolha dos produtos e o seu escoamento, uma vez preparados. Em 1984 o comando das Forças de Defesa, chefiado pelo general Noriega, e o Departamento Nacional de Investigações descobrem o plano que fazia do país um centro-chave das rotas da droga.

Na ocasião foram confiscados 55 galões de éter etílico, destinado à Colômbia; descobriu-se o laboratório destinado ao refinamento da cocaína e foram presos os seus utilizadores. Avisadas a tempo, as autoridades da Colômbia conseguiram, por seu lado, confiscar grandes quantidades de barris de éter.

Data dessa altura um dos louvores norte-americanos ao general Noriega. Uma carta da DEA, assinada por Francis Mullen Jr., diz expressamente: «Estimado general Noriega, recentes informações obtidas pela DEA dos Estados Unidos mostram que desde Janeiro de 1984 o Panamá tem sido utilizado por organizações de traficantes de cocaína para passar éter, o qual foi



degradação da situação económica resultante da política aplicada pelo Fundo Monetário Internacional que levou ao aumento dos preços, ao desemprego e a uma quebra significativa no nível de vida da população.

É neste contexto que surge no Panamá a chamada Cruzada Civilista apelando à greve geral e arvorando os valores da «defesa dos direitos humanos» tão do agrado dos EUA, condimentados com acusações de corrupção e implicações no tráfico de drogas, questões sempre capazes de suscitar simpatias na opinião pública.

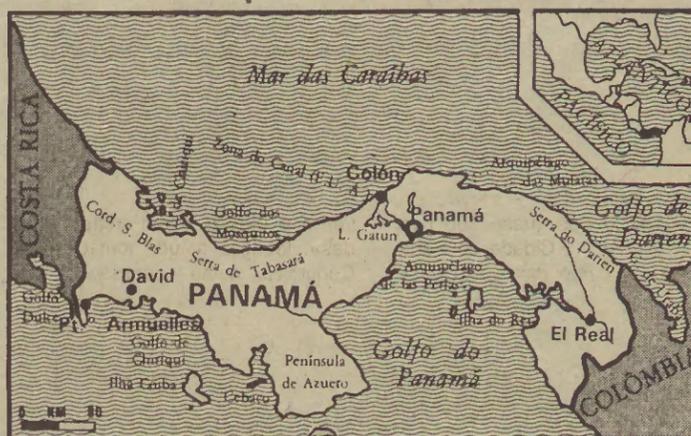
Na sombra ficam as decisões mais importantes, as ameaças veladas ainda que evidentes, como a mobilização dos 10 mil militares norte-americanos estacionados na zona do Canal, a necessidade ex-

*O pretenso desrespeito pelos direitos humanos e implicação no tráfico de droga são utilizados pela administração Reagan para fomentar a desestabilização política no Panamá e subverter as instituições, não sendo de excluir a possibilidade de intervenção militar directa para a manutenção das bases militares que tem na zona*

pressa do Pentágono de «intensificar as medidas de segurança» e a «inquietação» com que Washington diz seguir os acontecimentos no Panamá.

O que, em termos claros, pode significar que os Estados Unidos não descartam a possibilidade de intervir com as suas tropas na «nor-

malização» da situação naquele país. Se necessário em nome da «segurança» interna norte-americana, sob a bandeira do combate à droga que tem nos EUA o primeiro mercado consumidor do mundo e no Panamá um dos entrepostos activos de fabrico e passagem de drogas. ■



# de drogas

embarcado de diferentes partes do mundo para os laboratórios clandestinos da Colômbia e alguns outros lugares da América Latina. A sua acção recente na confiscação e destruição do éter é tão notável que terá grande impacto no mundo ilícito dos vendedores de cocaína».

Um reconhecimento que se coaduna mal com os ataques de que é alvo agora justamente a mesma personagem.

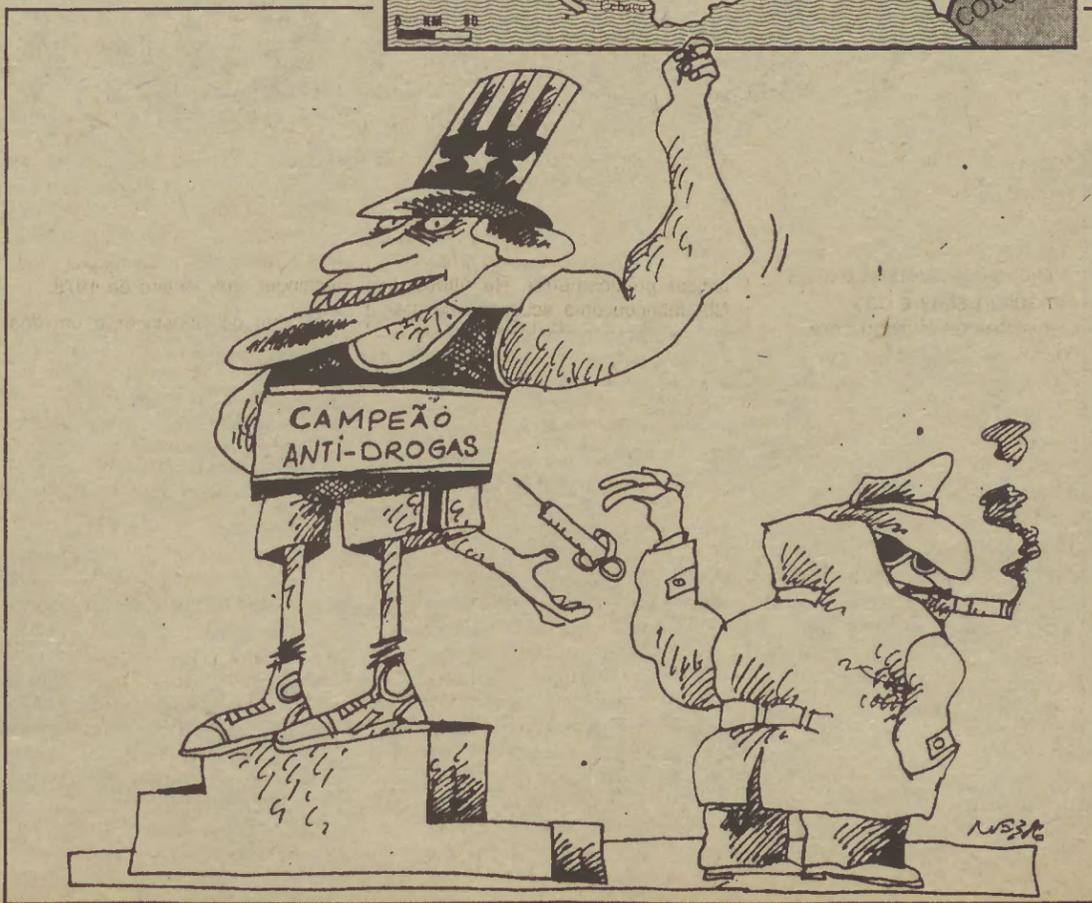
Mas importa ainda referir que por disposição do governo do Panamá, desde 1978 até à data que todos os volumes de cocaína e de cannabis confiscados são destruídos de seis em seis meses, na presença de autoridades, especialistas e meios de comunicação. De cada vez que tal sucede é elaborada uma acta em que se especifica a quantidade de droga destruída.

Não menos relevante é o facto de no livro que vimos referindo se dar conta dos esforços desenvolvidos para impedir a utilização dos bancos instalados no país na «limpeza» do dinheiro proveniente do

tráfico de drogas, tarefa que está longe de ser fácil dado a maioria dos bancos pertencer ao capital estrangeiro, designadamente norte-americano.

Esta súpula é no entanto elucidativa. E tanto mais pelo facto do governo do Panamá não ter abandonado o combate ao tráfico de drogas, mesmo com o corte de verbas da ajuda norte-americana para o efeito.

O apoio dos sectores progressistas do país a esta actuação, bem como ao seu responsável, António Noriega, que alia a difícil tarefa à da defesa da independência do país, é o mais seguro indicador de que uma vez mais os EUA estão a travar uma guerra suja para tentar impor os seus interesses, que nada têm a ver com os interesses do povo panamiano. Uma guerra desigual a que será necessária toda a unidade possível para que a razão se imponha à força. A paz na América Central, de que o Panamá se tornou também defensor, está igualmente aqui em jogo. E a exigir a solidariedade internacional. ■



### «Cálidas e doces»

A RTP é o que se sabe. E para ficar tudo nos conformes, a informação sobre a sua programação é ótima. Atente-se na mimosa descrição da programação das dez horas para quinta-feira da semana que vem: «Noites de Verão» cálidas e doces, ansiadas durante todo o ano, momentos gratos de descontração e ameno convívio com os amigos vão ser o centro deste programa, no qual a música, tal como nas «Noites de Verão», terá um lugar privilegiado. Apresentação a cargo de Ivone Ferreira, Elsa Marina e Sérgio Figueira.»

«Rubricas: "Fotografia", por Queirós de Faria; "Pediatria", pelo dr. Tojal Monteiro; "Consultório Jurídico", pelo dr. Sá Carneiro.» Ignoramos se envolve qualquer insinuação ou advertência o dedicar rubricas de pediatria e consultório jurídico às noites de Verão cálidas e doces, mas lá que podem ser úteis, é capaz de ser verdade...»

### Agustina

Conforme se sabe, a escritora Agustina Bessa Luís foi mandatária nacional da candidatura de Freitas do Amaral. Para além de ser um alinhamento evidente com uma candidatura cujo recorte fascizante não passou despercebido a ninguém, parece evidente que Agustina Bessa Luís desempenhou uma função política, participou no campo da política.

O apoio dado pela escritora Agustina Bessa Luís à campanha de Cavaco Silva é do conhecimento geral. Parece evidente que Agustina Bessa Luís assumiu aí uma função política, participou no campo da política.

A escritora Agustina Bessa Luís esteve há dias na

Fundação Século XXI a pronunciar uma conferência. Sabe-se que a Fundação Século XXI é uma estrutura declaradamente ligada à extrema-direita nacional, instrumento de acção política do sr. Freitas do Amaral e amigos e que recentemente estabeleceu acordos com entidades de nada equívocas ligações à CIA e aos interesses de propaganda americanos como a USIS. Parece evidente que Agustina Bessa Luís assumiu ali uma função política, participou no campo da política.

Assim há que compreender que Agustina Bessa Luís trace de si própria o seguinte retrato:

«O cidadão comum sabe perfeitamente que dum modo geral os políticos são incompetentes, mas não sabe como eleger outros melhores.»

E mais: «O homem de coração e recursos inventivos tem vergonha de participar no campo da política que, de resto, tem sido ocupada quase unicamente por elementos obtusos e insatisfatórios.»

### Desmentidos

O sr. Barroso (Alfredo) que porta-vozeia a Presidência da República informou a informação portuguesa de que, afinal, o dr. Mário Soares não concedeu ao enviado do jornal italiano «La Repubblica» a entrevista que a imprensa portuguesa amplamente divulgou e em que o Presidente da República eleito contra o candidato do dr. Cavaco Silva declara que o dr. Cavaco Silva afinal não é de direita (o seu apoio a Freitas do Amaral portanto deve ter sido um lamentável equívoco); que o dito Cavaco Silva irá proceder a uma revisão constitucional em que acabará com os «laços e lacinhos que a Constituição

## Pontos Cardeais

dos «capitães» inspirada no militar-comunismo dos meses quentes de 75, ainda impõe à iniciativa privada» e ainda outros considerandos sobre a Constituição pouco próprios para alguém que da dita Constituição jurou ser o garante.

Mas haja tranquilidade. Afinal, o dr. Mário Soares não deu nenhuma entrevista e, segundo o sr. Barroso, as declarações que lhe são atribuídas «não podem, assim, ter-se, como exactas». Claro que seria bom saber se, para além de exactas ou não, são verdadeiras ou falsas.

### O mafarrico

«O Diabo» da Dona Lagoa tem umas relações e umas preocupações muito empresariais que oscilam entre os cremes de beleza e os troteiros mafiosos. Para além dos comentários «políticos» do costume, atente-se nos «grandes exclusivos» do último número:

• «Mulher do ex-cônsul da Libéria, sequestrada durante dois dias, foi abandonada pelos raptadores, que exigiam um resgate de 15 mil contos»  
• «PJ já tem pistas: rapto pode ter sido encenado»  
• «O tráfico de diamantes (em que estava envolvido o companheiro da «raptada») e a iminente emissão de um mandado de captura contra Maria Cândida, por cheques «carecas», podem estar na origem de uma história que a PJ vai agora deslindar» (duas páginas

inteirinhas...)

• «Operação «Raia Seca» confirma.»  
• «Veterinário assassinado era um dos «cabecilhas» do contrabando de gado» (mais uma página inteirinha)

• «Contra «aposentação convulsiva» aplicada pelo Ministro da Justiça, Júlio Regadas recorre ao Supremo Tribunal Administrativo»  
• «Não tenho dúvidas de que ganharei» (mais meia página...)

• «Caso Távares Veloso»  
• «Inspector da polícia suspeito de participação no crime não será exonerado do seu lugar» (e outra meia página...)

Eles lá sabem destas coisas... E gostam... Da mesma forma que publicam coisas elevadas nas suas «colunas» para «colunáveis». Por exemplo: para além de ficarmos a saber que está «de turbante negro, chiquerrima, Isabel (Palmela) Vanzeller em banhos de mar na praia do Castelo à Caparica» e que o «Ilídio Seródio» (sic) «procura companhia para uma excursão de fim de ano a uma das ilhas do Hawaii», somos informados de que: «Há duas senhoras em Lisboa, de meia idade, muito frequentadoras de tudo e muito frequentadas, que têm todo o aspecto de serem gerentes em Portugal de um bordel multinacional — o que seria natural dada a nossa entrada na CEE...» Alternando entre chiquerrimas, seródios, rameiras e marginais, de que política se espera que goste o mafarrico?...

# Gazetilha

por Ignotus Sum

### A sementeira

De terra em terra, de cidade em cidade.  
Ruas novas e velhas.  
Lá transportam o pólem da verdade  
diligentes abelhas.

Percorrem novo espaço após espaço  
noite e dia  
e transformam as horas de cansaço  
em ondas de alegria.

Uma frase, um cartaz ou um sinal  
com mais firmeza avança.  
Foi todo o Portugal  
com olhos para o amor e para a esperança.

As abelhas levavam o pólem quente  
dentro do coração  
e deixaram, semente após semente,  
a levedar o chão.

Toda a semente do futuro é rica.  
Ou mais cedo ou mais tarde, frutifica.

### Grandeza

Vestiu-se Portugal de azul e branco  
mas quando, voto a voto se contava,  
e eu cá, sou franco,  
com isto não esperava...

Não é a primeira vez  
que no destino português  
nos aparece  
de rajada  
uma nuvem medonha e assombrada  
que os ares escurece...

Quando tudo corre bem  
não se vê quem é Quem:  
é cantar e bailar  
e foguetes no ar...  
Mas quando o mal em nós a mão espalma  
aí é que se vê o tamanho da alma!

Há que ouvir do futuro a clara voz.  
E esse futuro somos nós.

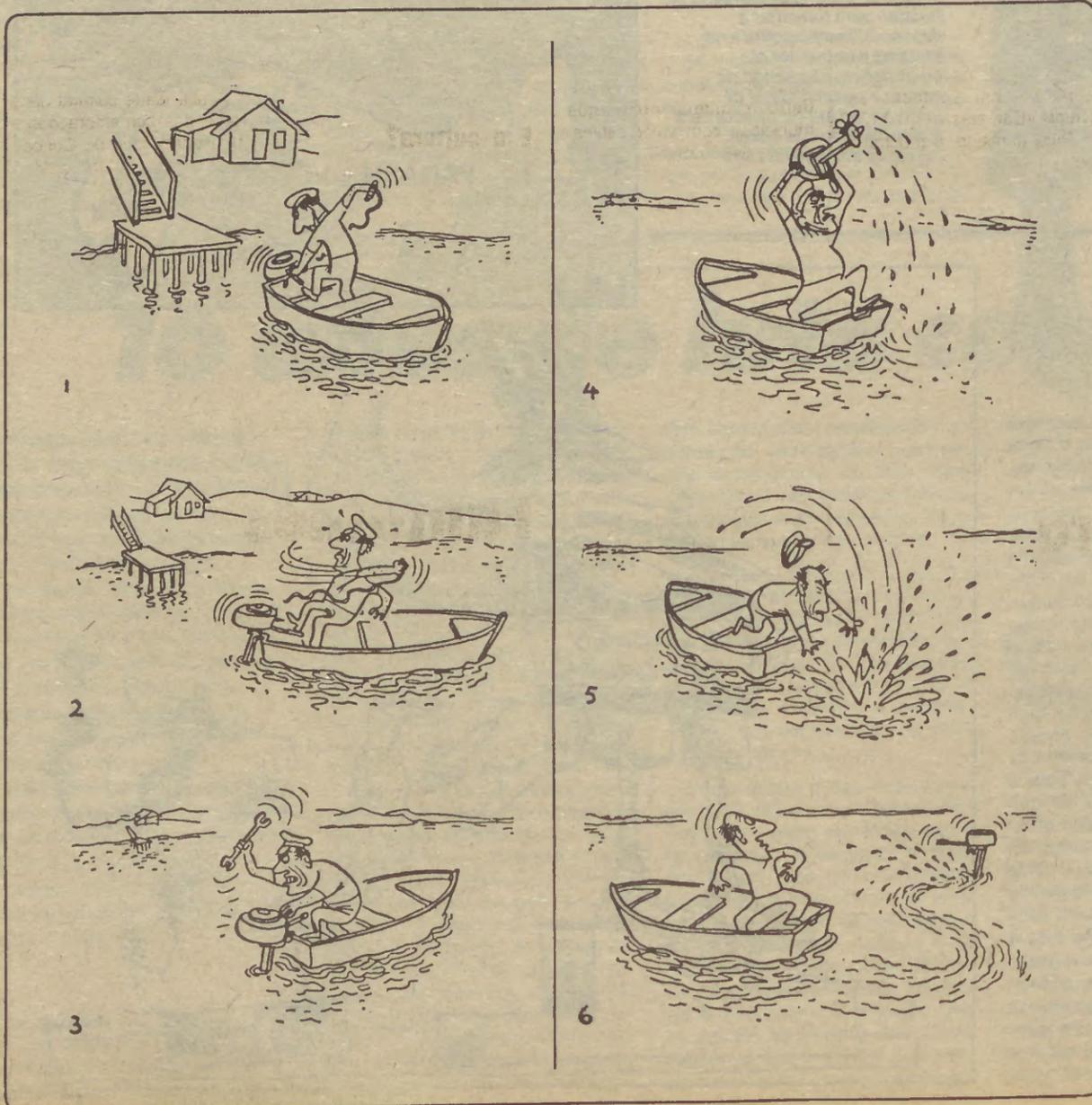
### A peste

Pela TV uma vertigem anda  
e diz quem vê como a TV se veste:  
— Isto não é propaganda:  
é uma peste...

A memória da peste se insinua  
em cada rua.  
Era a tristeza impura  
que já crescia. Era  
a dentadura  
a anunciar a fera...

Mas a peste está minada, já se vê,  
de mil contradições.  
Rebentam a costura as ambições.  
Recordemos a AD:  
uma força brutal, a mão de ferro,  
... e deu o berro.

Venceremos a peste que regressa.  
A História avança. A luta recomeça.



# Agenda

Avante!

Ano 57 - Série VII  
N.º 709

30 de Julho de 1987

4.º Caderno

Não pode ser vendido  
separadamente

## LIVROS PARA O VERÃO

Leia  
nas  
férias

# Lenine

## Biografia



A mais completa informação  
sobre a vida e a obra de Lénine

Uma iniciativa de  
edições  
Avante!  
Editorial Progresso

### ANTROPOLOGIA



**JOVANOCIĆ, Zoran**  
(1938) Jugoslávia. Cartoon  
premiado com o 1.º Prémio  
do Festival Internacional de  
Caricatura, Marostica 1970 e  
Grande Prémio do Festival  
de Knokke, Bélgica em  
1971.

# TV O Programa

**Quinta** <sup>30</sup>
**RTP1**

- 10.00 – Às Dez  
12.15 – Telenovela: «Cambalacho», 147.º Epis.  
13.00 – Jornal da Tarde  
13.50 – Série: «Os Jovens Heróis de Shaolin»  
14.30 – Desenhos Animados  
15.00 – Matiné: «O Gavião dos Mares»  
16.40 – Documentário  
17.00 – Brinca Brincando  
17.30 – Ponto por Ponto  
18.30 – Sumário  
18.35 – Série: «A Família Bellamy»  
19.30 – Série: «A Prática das Coleções»  
20.00 – Telejornal  
20.30 – Bolsa Dia a Dia  
20.35 – Boletim Meteorológico  
20.45 – Telenovela: «Dona Santa»  
21.40 – Série: «ALF-Uma Coisa do Outro Mundo»  
22.05 – Face a Face



- 22.35 – Série: «Terna é a Noite»  
23.30 – Notícias  
22.35 – Estádio

**RTP2**

- 17.15 – Telenovela: «Os Imigrantes»  
18.00 – Countdown  
19.00 – Simon Show  
20.00 – Série: «Modelo e Detective»  
21.00 – Jornal das Nove  
21.30 – Montra de Livros  
21.35 – Série: «Soldados»

**Sexta** <sup>31</sup>
**RTP1**

- 10.00 – Às Dez  
12.15 – Telenovela: «Cambalacho»  
13.00 – Jornal da Tarde  
13.30 – Desenhos Animados  
13.50 – Série: «Os Jovens Heróis de Shaolin»  
14.30 – Desenhos Animados  
17.00 – Brinca Brincando  
17.30 – Ponto por Ponto  
18.30 – Sumário  
18.35 – Série: «A Família Bellamy»  
19.30 – Memória Audio-Visual  
20.00 – Telejornal  
20.30 – Bolsa Dia a Dia  
20.35 – Boletim Meteorológico  
20.45 – Telenovela: «Dona Santa»  
21.40 – Mobil nos Caminhos de Portugal  
21.55 – Gravação de um Disco – West Side Story  
23.30 – O Programa das Festas

- 24.00 – Notícias  
00.50 – Estádio  
00.20 – Pela Noite Dentro: «O Preço da Liberdade», Real. Warris Hussein (EUA/1982)

**RTP2**

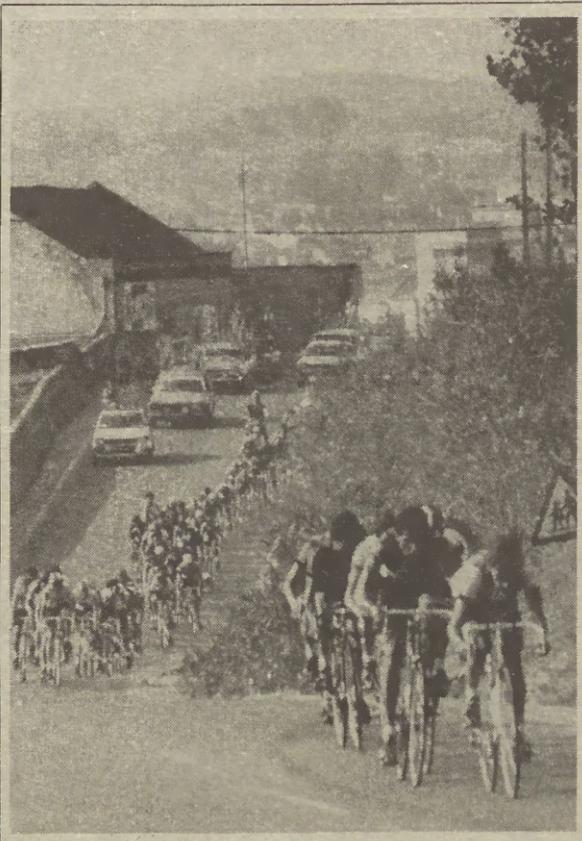
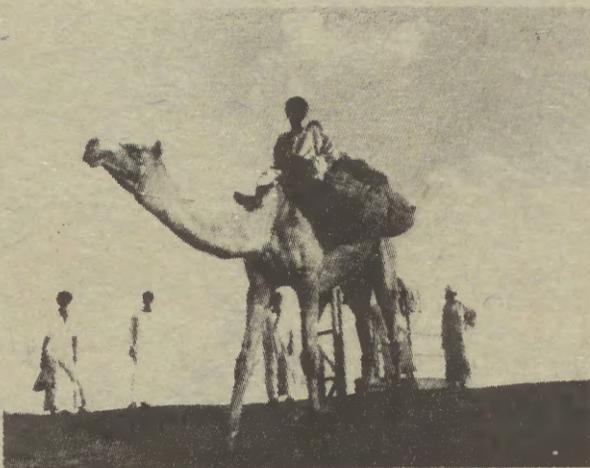
- 17.15 – Telenovela «Os Imigrantes»  
18.00 – Countdown  
19.00 – Simon Show  
20.00 – Série: Hitchcock Apresenta  
20.35 – Série: «Uma Família às Direitas»  
21.00 – Jornal das Nove  
21.30 – Montra de Livros  
21.35 – Clube de Jornalistas  
22.05 – Série: «Aventura e Paixão»  
23.00 – Troféu

**Sábado** <sup>1</sup>
**RTP1**

- 11.00 – Juventude e Família  
11.05 – Série: «He Man»  
11.25 – Série: «David, o Gnomo»  
11.55 – Série: «O Anel Mágico»  
12.20 – Série: «O Tempo e o Vento»  
13.00 – Jornal de Sábado  
13.10 – Lucky Luke  
13.55 – Série: «Akagera»  
14.05 – Videopolis  
14.50 – Série: «O Mar e a Terra»  
15.20 – O Recreio dos Lisboaetas  
17.35 – Série: «Cindy», 1.º Epis.  
18.30 – Série: «O Ano das Bestinhas»  
18.55 – Quem Te Viu e Quem TV  
19.45 – Totoloto  
20.00 – 7 Folhas  
21.35 – E o Resto são Cantigas  
22.35 – Estádio  
22.50 – Série: ««Hill Street»»  
23.45 – Cinema da Mela Noite: «O Número do Amor»

**RTP2**

- 10.00 – Compacto Countdown  
13.00 – Compacto Cambalacho  
16.00 – Troféu  
20.00 – Série: «Quem Sai aos Seus...»  
20.25 – Série: «A Grande Época»  
21.15 – RTP/Ano 30  
22.45 – Troféu


**Volta a Portugal em Bicicleta**
**Domingo** <sup>2</sup>
**RTP1**

- 10.00 – Série: «Juventude e Família»  
11.00 – Terra de Santa Maria  
11.15 – Missa  
12.05 – 70x7  
12.30 – TV Rural  
13.00 – Jornal de Domingo  
13.10 – Série: «Viajar em Portugal»  
13.35 – Série: «Os Roberts»  
14.05 – Série: «Os Musicais do Sudoeste»  
14.30 – Série: «Lovejoy»  
15.25 – Série: «A Rota da Seda»

- 16.15 – Que Profissão: «Médico Veterinário»  
16.45 – Primeira Matiné: «As Raízes da Compreensão»  
18.15 – Documentário  
18.55 – Série: «O Justiciero»  
20.00 – Jornal de Domingo  
20.30 – Boletim Meteorológico  
20.35 – Ler Portugal  
21.05 – Série: «Dallas»  
22.35 – Domingo Desportivo

**RTP2**

- 10.00 – Troféu  
12.30 – Caminhos  
12.55 – Novos Horizontes  
13.25 – Entre Barreiras  
14.00 – Série: «Destino Aventura»  
14.55 – Fantasia e Realidade



- 15.25 – Festas e Romarias de Portugal  
16.00 – Série: «Bullman»  
17.00 – Troféu  
19.00 – Palavras Ditas  
19.25 – Music Box  
20.30 – Arte e Letras  
21.30 – Cine-Clube: «Ninotcha»  
23.10 – Top Vídeo

**Segunda** <sup>3</sup>
**RTP1**

- 10.00 – Às Dez  
12.15 – Telenovela «Cambalacho»  
13.00 – Jornal da Tarde  
13.30 – Desenhos Animados  
13.50 – Foi Êxito na TV «Esta Terra Tão Frágil» (1.º Ep.)  
14.45 – Desenhos Animados  
15.00 – Seja Bem Vídeo  
17.00 – Ponto por Ponto  
18.00 – Sumário  
18.05 – Brinca Brincando  
18.35 – Série: «A Família Bellamy»  
19.30 – Os Baús da Cinemateca – Setúbal  
20.00 – Telejornal  
20.30 – Bolsa Dia a Dia  
20.35 – Boletim Meteorológico  
20.45 – Telenovela «Dona Santa»  
21.40 – Cinema «A Última Fuga», real. Jerrold Freedman  
23.15 – Notícias  
23.25 – Estádio (incluindo a Volta a Portugal em Bicicleta)

**RTP2**

- 17.15 – Telenovela «Os Imigrantes»  
18.00 – Countdown  
19.00 – Simon Show  
20.00 – Hitchcock apresenta  
20.30 – Série: «Uma Família às Direitas»  
21.00 – Jornal das Nove



- 21.35 – Alvin Alley Dance Theatre Espectáculo de homenagem a Duke Ellington com música de Duke Ellington, Alice Coltrane, Vaughan Williams, etc.

**Terça** <sup>4</sup>
**RTP1**

- 10.00 – Às Dez  
12.15 – Telenovela «Cambalacho»  
13.00 – Jornal da Tarde  
13.30 – Desenhos Animados  
14.30 – Foi Êxito na TV  
15.25 – Cinema «Onde Fica a Guerra»  
17.00 – Ponto por Ponto  
18.00 – Sumário  
18.05 – Brinca Brincando  
18.35 – Série: «A Família Bellamy»  
19.30 – Trânsito  
20.00 – Telejornal

- 20.30 – Bolsa Dia a Dia  
20.35 – Boletim Meteorológico  
20.45 – Telenovela «Dona Santa»  
21.40 – Primeira Página  
22.40 – Série «Brigada Especial»  
23.40 – Notícias  
23.50 – Volta a Portugal

**RTP2**

- 17.15 – Telenovela «Os Imigrantes»  
18.00 – Countdown  
19.00 – Simon Show



- 20.00 – Série «Hitchcock Apresenta»  
20.30 – Série «Uma Família às Direitas»  
21.00 – Jornal das Nove  
21.30 – Cinemadois «Wherther»

**Quarta** <sup>5</sup>
**RTP1**

- 10.00 – Às Dez  
12.15 – Telenovela «Cambalacho»  
13.00 – Jornal da Tarde  
13.30 – Desenhos Animados  
13.50 – Foi Êxito na TV  
14.45 – Desenhos Animados  
15.00 – Clípmoanias  
17.00 – Ponto por Ponto  
18.00 – Sumário  
18.05 – Brinca Brincando  
18.35 – Série: «A Família Bellamy»  
19.30 – Ciências «Intervenção do Futuro»  
20.00 – Telejornal  
20.30 – Bolsa Dia a Dia  
20.35 – Boletim Meteorológico  
20.40 – Vamos Jogar no Totobola  
20.55 – Telenovela «Dona Santa»  
21.50 – Lotação Esgotada «Um homem tem três metros de Altura», real. Martin Ritt (EUA/1956 - 85 min)  
23.20 – Notícias  
23.30 – Volta a Portugal

**RTP2**

- 17.15 – Telenovela «Os Imigrantes»  
18.00 – Countdown  
19.00 – Simon Show  
20.00 – Série: Hitchcock Apresenta  
20.30 – Série: «Uma Família às Direitas»  
21.00 – Jornal das Nove  
21.35 – Série: «Coração a Quanto Obrigas», 1.º epis.  
22.05 – Clube de Imprensa  
22.35 – Música na América

# Teatro O Cartaz

**LISBOA**

Casa dos Tabuenses R. Poais de S. Bento, 75. De 4.ª a sáb. às 21.30. **Bela-Calígula**, de Augusto Sobral, encenação de Rogério Vieira, pelo Teatro Maizum (até 31/7)

Comuna Praça de Espanha. Sala Nova – De 3.ª a sáb. às 21.30, dom. às 17.00. **Os Dois Corcundas e a Lua**, de Richard Demarcy, enc. de João Mota (até 31/7)

Sala 1, de 2.ª a sáb. às 21.30, Sáb. e Dom. às 16.00. **D. Quixote e Sancho Pança**, de António José Silva,

pelas Marionetas de Lisboa, enc. de José Carlos Barros.

**D. Maria II**, Rossio. Sala Garrett – de 3.ª a sáb., às 21.30, dom. às 16.00. **Romance de Lobos**, de Valle Inclin, enc. de Xosé Blanco Gil (até 31/7)

**Teatro ABC**, Parque Mayer. De 3.ª a sáb. às 20.30 e 22.45, sáb. também às 16.00, dom. às 16.00 e 21.30. Lisboa, Tejo e Tudo, de César Oliveira, Solnado e Fialho Gouveia, enc. de César Oliveira.

**Teatro Aberto**, Praça de Espanha. A Segunda Vida de Francisco de Assis, de

José Saramago, enc. de Norberto Barroca. Pelo Novo Grupo, de 5.ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00.

**Teatro do Triângulo**, Rua da Cintura do Porto de Lisboa. De 3.ª a dom. às 21.30. **O Físico Prodigioso** de Jorge de Sena, enc. André Nuno.

**Teatro da Trindade**, R. Nova da Trindade. De 3.ª a sáb. / 21.00, dom. às 16.00. **A Trilogia da Guerra**, de Edward Bond, Comp. Teatro da Cornucópia (até 31/7)

**Teatro Vasco Santana**, Feira Popular, Entrecampos. De 3.ª a sáb. às 21.30, dom. às

16.00. **As Senhoras das Quintas-Feiras**, de Lóleh Belon, enc. Luzia Maria Martins.

**PORTO**

**Teatro Experimental do Porto**, R. do Pinheiro, 4.ª, 6.ª e sáb. às 21.30, dom. às 16.00. **Um Homem para Qualquer Pátria**, de Miguel Rovisco, enc. de Mário Viegas.

**Teatro dos Modestos**, R. Gonçalves Cristóvão, 190. De 3.ª a sáb. às 21.30, dom. às 18.00. **Noite da Senhora Luciana**, de

Copi, enc. de Fernanda Lapa.

**CASCAIS**

**Espaço TEC**, Junto ao Pão de Açúcar-Cascais. De 3.ª a dom. às 21.45, sáb. e dom. às 17.00. **Apareceu a Margarida**, de Roberto Athayde, enc. R. Athayde e Graça Lobo, pela Comp. de Teatro de Lisboa.

**ESTORIL**

**Teatro Mirita Casimiro**, Av. Fausto de Figueiredo. De 5.ª a

sáb., 21.30, sáb. e dom. às 17.00. **Tartufo**, de Molière pelo Teatro Experimental de Cascais, enc. Rogério de Carvalho.

**Para Crianças LISBOA**

**TIL – Teatro Infantil de Lisboa**, R. Leão de Oliveira, 1 (ao Calvário). Sáb. às 16.00. **O Choupo Andarilho**, de Ferreira Caetano, enc. Kim Cachopo. Dom. às 16.00. **O Avestruz Mecânico**, histórias de José Lemos.


**Bela-Calígula**, de Augusto Sobral: últimos dias

# Cinema

A selecção

		António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
<b>A</b>	Barry Lyndon	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★	★★★★
<b>B</b>	Combolo em Fuga	—	★★★	★★★	★★★	—
<b>C</b>	Curto Circuito	—	★★	★★	—	—
<b>D</b>	O Navio	—	★★★★	★★★★	★★★★★	★★★★★
<b>E</b>	Piratas	—	—	★★★	★★	—
<b>F</b>	Police	—	★★★	★★★	—	★★
<b>G</b>	Taxi Driver	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★★

Classificação de ★★★★★

A — Real. Stanley Kubrick — **Estúdio 444** (15.00, 18.15, 21.30) — Lisboa.  
 B — Real. Andrei Konchalovsky — **Alfa Clube** (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15) — Lisboa.  
 C — Real. John Badham — **Nimas** (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — S. Jorge/1 (15.30, 18.30, 21.30), **Star** (15.00, 18.15, 21.30) — Lisboa.  
 D — Real. Federico Fellini — **Amoreiras/2** (14.15, 16.45, 19.15, 21.30, 00.15) — **Apolo 70** (14.00, 16.30, 19.00, 21.30), **Quarteto/1** (14.30, 16.45, 19.00, 21.30) — Lisboa.  
 E — Real. Roman Polanski — **Amoreiras/5** (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00), **Berna** (14.00, 16.30, 19.00, 21.30), **Mundial/3** (14.15, 16.45, 19.15, 21.45) — Lisboa.  
 F — Real. Maurice Pialat — **Quarteto/4** (14.30, 16.45, 19.00, 21.30) — Lisboa.  
 G — Real. Martin Scorsese — **Quarteto/3** (14.30, 16.45, 19.00, 21.30) — Lisboa.

# Exposições

• LISBOA

**Amadeu de Souza Cardoso** — Pintura e escultura. Escada Centro de Arte, R. da Bela-Vista à Graça, 81. De 2.ª a 6.ª das 14.00 às 20.00, sáb. das 10.00 às 14.00 (até 13/8).  
**Colectiva** — Pintura e escultura de Ana Vidigal, Manuel Botelho, Pedro Casqueiro, Pedro Portugal, Manuel Rosa, Xana, etc. Gal. Módulo, Av. António Aug. de Aguiar, 56, 5.º D. De 2.ª a sáb. das 16.00 às 20.00 (até 14/8).  
**Colectiva** — Pintura de Belmira Nunes, Fátima Afonso, Manuela Rosa, Maria Peres da Silva, Marilene Alão, Teresa Caria, Tomás Maia. Galeria da Voz do Operário, R.V. do Operário, 13. Das 14.00 às 19.00, sáb. das 15.00 às 19.00 (até 14/8).  
**Colectiva** — Serigrafia. Galeria Artex, R. Nova do Almada, 87 (até 4/8).  
**Colectiva** — Pintura. Galeria Bertand, Chiado (até 31/8).

**Mantas de Monsaraz** — Tapeçaria. Museu Nac. do Traje, Palácio do Monteiro-Mor, ao Lumiar (até 30/9).

**Marionetas** — De Portugal, França, Itália; da China e outros países asiáticos. Museu da Marioneta, Lg. Rodrigues de Freitas (à Graça, 13). De 4.ª a 2.ª das 11.00 às 17.00.

**«Paris 85 - A Moda, as Modas, a Rua»** — Fotografia, Instituto Franco-Português, Av. Luís Bivar (até 31/7).

**Stuart Carvalhais** — Ilustrações para revistas, livros, capas de música; óleos e aguarelas. Centro de Arte Moderna da Gulbenkian (Gal. de Exposições Temporárias). 3.ª, 5.ª, 6.ª e dom. das 10.00 às 17.00; 4.ª e sáb. das 14.00 às 19.00 (até 13/9).

**Victor de Sousa** (Moçambique) — Pintura. Galeria Artex, R. Filipe Folque, 48-A (até 6/8).

**Xohan Viqueira** — Cerâmica. Museu Nacional do Azeitejo, Convento da Madre de Deus. De 3.ª a Dom. das 10.00 às 17.00 (até 10/8).

• PORTO

**Arte Medieval** — Peças de escultura, arte do metal e mobiliário, nacional e estrangeiro dos séculos XII e XV. Casa Museu Guerra Junqueiro, Rua D. Hugo, 32. De 3.ª a sáb. das 10.00 às 12.30 e das 14.00 às 17.30 (até 31/8).

**Colectiva** — Arte para Férias. Gal. EG, Caminho da Fonte de Cima, 33. De 3.ª a sáb. das 15.00 às 20.00.

**Colectiva** — «Desenhos Portugueses do Séc. XX» (III Bienal de Desenho da «Árvore»). Mercado Ferreira Borges (até 27/7) — PORTO.

**Colectiva** — Pintura e escultura de Ana Vidigal, Manuel Botelho, Pedro Casqueiro, Pedro Portugal, Manuel Rosa, Xana, etc. Gal. Módulo, Av. Boavista, 854. De 2.ª a sáb. das 16.00 às 20.00 (até 14/8) — PORTO.

**Domingos Alvaréz** — Pintura. Casa de Serralves, R. de Serralves. De 3.ª a dom. das 10.00 às 17.00.

**João Menéres** — «Porto Meu», fotografia. Gal. JN, R. Gonçalo Cristóvão, 195. De 3.ª a sáb. das 14.30 às 19.30.

• OUTRAS LOCALIDADES

**Artistas Portugueses Contemporâneos** — Gal. Municipal de Oeiras, Palácio Anjos. De 2.ª a 6.ª das 16.00 às 20.00 (até 15/9) — ALGÉS.

**João Cutileiro** — «Amantes», escultura. Centro Cultural de S. Lourenço (até 21/8) — ALMANSIL.

**I Salão Jovem** — Galeria Municipal. Das 15.00 às 23.00 — AMADORA.

**Bienal de Escultura e Desenho**. Pavilhões do Parque (até 20/9) CALDAS DA RAINHA.

**Colectiva** — 3.ª Exposição dos Sócios da «Viragem». Associação de Artes Plásticas de Cascais. Espaço TEC, Av. Marechal Carmona — CASCAIS.

**Aureliano Lima** — Retrospectiva. Edifício Coimbra — COIMBRA.

**Colectiva** — Escultura. Museu Nac. Machado de Castro, Lg. Dr. José Rodrigues. De 3.ª a dom. das 10.00 às 17.00 — COIMBRA

**«Fabrico da Cerâmica»** — Museu Nacional da Ciência e Técnica, Rua da Ilha (à Sé Velha) — COIMBRA.

**VII Salão Nacional de Pintura Naive** — Galeria de Arte do Casino. Das 15.00 às 24.00 (até 10/8) — ESTORIL.

**José Borges** — Fotografia: «O Alentejo em Perspectiva». Até 31/7, Museu Municipal — ÉVORA.

**Maria de Lurdes Braancamp** — Pintura sobre o Alentejo (até 31/7) — Museu ÉVORA.

**Nadir Afonso** — Pintura. Pousada de St.ª Marinha — GUIMARÃES.

**Niklas Skapinakis** — Pintura e desenho. Gal. Gilde, S. Torcato. De 3.ª a dom. das 15.00 às 19.00 — GUIMARÃES.

**Colectiva** — Pintura, desenho, serigrafia, cerâmica, escultura. Galeria Capitel — (até 26/9) LEIRIA.

**Colectiva** — Bio-87, Bienal Inter. de Cerâmica. Solar da Pç. de St.ª Maria. Das 10.00 às 20.00 (até 30/8) — ÓBIDOS.

**William Beckford em Portugal** — Bibliográfica e iconográfica sobre Portugal séc. XVIII. Palácio de Queluz. De 4.ª a 2.ª das 10.00 às 13.00 e das 14.00 às 17.00. Entrada: 200\$000 — QUELUZ.

**Colectiva** — (pintores franceses da Provença). Pousada de S. Filipe. Das 10.00 às 22.00 (até 4/9) — SETÚBAL.

**Maria Gabriela Mota** — Aguarelas. Junta de Freguesia de S. Julião. De 2.ª a 6.ª, das 9.00 às 12.00 e das 14.00 às 18.00 (até 6/8) — SETÚBAL.

**Colectiva** — «Os Fios e os Frutos». Casa-Museu Álvaro de Campos. Calçada D. Ana, 12. De 3.ª a sáb. das 16.00 às 20.00 — TAVIRA.

**Teresa Dias Coelho** — Pintura recente. Casa das Artes, R. João Vaz Corte-Real, 96, até 10/8 — TAVIRA.

**«O Surrealismo ou a Linguagem do Desenho»** — Gal. de Arte. De 3.ª a dom. das 18.00 às 23.00 (até 2/8) — VILAMOURA.

**Nicolau Tudela** — Pintura e desenho. Galeria Forum. De 2.ª a 6.ª das 10.00 às 19.00 (Até 23/8) — VISEU.

## ...e ainda

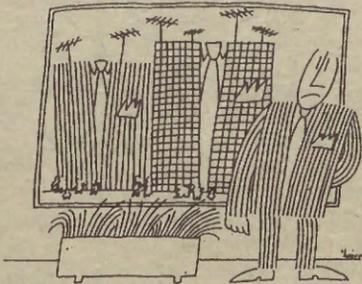
Música, debates, etc.

### Cinema

O Ciclo de Cinema Clássico Soviético que durante o mês de Julho decorreu na Cinemateca (R. Barata Salgueiro, 39, em Lisboa) termina hoje às 18.30 com a projecção de um dos últimos filmes de Pudovkine: **O Regresso de Vassill Bortnikov**. Baseado no romance de Galina Nikolaeva «A Colheita», este filme foi realizado em 1953 e, embora sonoro, consideram-no alguns críticos na linha do Pudovkine dos anos 20.

Ainda na Cinemateca, também hoje, mas às 21.30, mais uma adaptação, aliás controversa, de **O Imenso Adeus de Chandler**, esta realizada em 1977 por Robert Altman.

Entretanto, na mes-



ma sala, projectam-se nestes dias alguns filmes interpretados por **Rita Hayworth**. A merecerem destaque, os que estão programados para amanhã, sexta-feira: às 18.30 **Gilda**, de Charles Victor (1946), e às 21.30 **A Dama de Shanghai** — este realizado em 1948 por Orson Welles, de cuja filmografia é considerado uma das obras-chave.

da uma hora antes de cada sessão.

No **Forum Picoas** está a terminar um outro ciclo — «A Mulher no Cinema». Hoje, às 19.00 e às 22.00, **A Última Mulher de Marco Ferreri**; amanhã, às mesmas horas, **Amor e Preconceito** de Fassbinder.

No Porto, hoje, às 18.00, no Auditório Carlos Alberto, exibição de um filme que é bom encontrar — para ver ou rever: **Luzes da Cidade**, de Charles Chaplin (1931).



tos. Assim, hoje, no Mosteiro dos Jerónimos, às 21.30, **Orquestra Gulbenkian e Coro Gulbenkian** com direcção do maestro Walter Hendl interpretam obras de Mozart, Sibelius e Villa-Lobos; amanhã, dia 31, às 21.30, no Teatro de S. Carlos, **Orquestra Sinfónica de S. Carlos** dirigida pelo maestro Manuel Ivo Cruz em obras de Braga Santos, Strauss, etc.; no dia 1, às 21.30, no Palácio da Cidadela de Cascais, concerto pelo **Opus Ensemble**, e no dia 3, no mesmo local e à mesma hora, um outro de **Homenagem a Heltor Villa-Lobos** integralmente preenchido com obras deste autor para violoncelos, guitarras, piano e voz-soprano.

Em **Espinho** termina amanhã o XVI Festival de Música com um concerto pela **Oficina Musical do Porto** com direcção de Álvaro Salazar. As 21.30, no Casino.

Na Sé de Évora concerto pelo grupo **La Batalla**. Amanhã às 21.30.

Em **Mafrá**, se por lá puder passar no do-

mingo: das 16.00 às 17.00, concerto de carrilhão por Francisco Alves Gato.

### Bailado

Dezoito bailarinos da **Companhia de Teatro de Ópera e Ballet de Novosibirsk** — companhia que na União Soviética se distingue pela recriação de obras baléticas clássicas e pela inovação artística e técnica que caracteriza as suas interpretações de partituras/coreografias modernas — efectuem em Portugal uma digressão que termina no próximo dia 5 de Agosto.

São os seguintes os espectáculos programados, sempre às 21.30:

Dia 31 em Faro, no Teatro St.º António;

Dia 1 de Agosto em Lagos, no Auditório Municipal;

Dia 2 em Portimão, no Auditório Municipal;

Dia 3 em Montemor-o-Novo, no Teatro Curvo Semedo;

Dia 5 em Santarém, no recinto da Feira.

### Jazz no CAM

A 4.ª edição do «Jazz em Agosto» organizado pela Gulbenkian é assinalada por concertos nos dias 5, 6, 11, 13, 19, 20 25 e 26 e vai ter a participação do **World Saxophone Quartet**, de um outro quarteto liderado por Jan Garbarek, do **Art Ensemble of Chicago** e dos músicos portugueses **Mário Laginha e Trio Shis**. O primeiro concerto — que se realiza

como todos os outros no Anfiteatro ao Ar Livre construído nos jardins da Gulbenkian — tem lugar na próxima quarta-feira, dia 5, actuando o **World Saxophone Quartet**.

### Mais música

O Festival da Costa do Estoril programou para esta semana mais alguns concer-

### 1.ª BIENAL REGIONAL DE ARTES PLÁSTICAS '87

ORGANIZAÇÃO GRUPO DRAMÁTICO POVOENSE POVOA DE S. IRIA DE 3 a 11 OUTUBRO

A I Bienal de Artes Plásticas organizada pelo Grupo Dramático Povoense-Póvoa de Santa Iria, que decorrerá de 3 a 11 de Outubro, é uma mostra-concurso aberta a todos os artistas plásticos portugueses ou estrangeiros que residam no distrito de Lisboa. Cada autor pode concorrer com o máximo de duas obras por cada uma das duas modalidades admitidas: pintura e escultura.

Serão atribuídos três prémios (o primeiro dos quais no valor de 75 000\$00) por um júri cuja composição será então revelada.

Inscrições e entregas de trabalhos devem ser feitas no Grupo Dramático (R. do Grémio, 14 — Tel. 259 01 71 — Póvoa de Santa Iria) de 2.ª a 6.ª das 20.30 às 23.00, até 31 de Agosto.

## Tempo Fim de Semana



Segundo a previsão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica o tempo no próximo fim-de-semana é de céu pouco nublado ou limpo, vento fraco soprando moderado do litoral Oeste.



# a TV

## Não foi esquecimento

A minha alma está parva!

Nestes últimos quase dois anos a minha memória e os meus registos não me dão conta de um só dia (salvo casos excepcionais) em que, quer Cavaco, quer alguns dos seus muito viajados ministros, não aparecessem no **Telejornal**. E não só uma, mas várias vezes em cada emissão.

Foi preciso chegarmos ao dia 22 de Julho de 1987 para que tal fenómeno acontecesse. De facto, nesse dia, o **Telejornal** até se esqueceu de que havia governo em Portugal, de que em Portugal havia Cadilhe, Cavaco, PSD...

Mas seria, de facto, esquecimento?

Sinceramente, eu creio que não. Nada naquela enragem acontece por acaso. O que sucede é que as eleições já passaram e, portanto, tais presenças não se justificam tanto.

Na óptica dos critérios jornalísticos estão a ver?...

## É preciso ter memória

Também no dia anterior aconteceu outro facto insólito. Com um aspecto interessante: é que, parecendo nada ter a ver com a emissão do **Telejornal** já referida, é igualzinha a ela como um irmão gémeo...

Aconteceu, nesse dia, um debate entre os representantes dos principais partidos com assento na Assembleia da República. Carlos Costa, pelo PCP; António Guterres, pelo PS; Gomes de Almeida, pelo CDS; Santana Lopes, pelo PSD; e Miguel Galvão Teles, pelo PRD.

Convém lembrar aqui uma intervenção de António Guterres, ao lamentar que outros debates, como aquele, não se tivessem realizado antes das eleições.

Pois foi. Só se esqueceu de que o PS, através do seu líder, Vítor Constâncio, sempre colocou a tónica num debate entre Cavaco Silva... e ele próprio...

Talvez que tudo se tivesse modificado, se a pressão fosse colectiva e não individual, ou seja, se os interesses da democracia se tivessem sobreposto aos considerados interesses partidários.

Sabe-se o resultado. Dão sempre nisto as pretensões hegemónicas. O «ou ele ou eu», género «a bolsa ou a vida», tem de ser ultrapassado.

Só quem tem memória tem futuro.

## Compreendida a lição? Ou ainda não?

Vários são os indícios, entre nós e no estrangeiro, que definem o PSD como um governo de direita. Para os espíritos mais ou menos esclarecidos, a novidade não é nenhuma... novidade.

Não deixa porém de ser sintomática e probatória a intervenção de Gomes de Almeida.

Meditava ele, com o rosto sulcado de vincos e cansaços, sobre o fenómeno da transferência de votos do CDS para o PSD. Sobre o mesmo assunto já antes falara Carlos Costa ao recordar que o PSD subiu global e significativamente lá onde desceram o CDS e o PRD...

Ora, segundo a maneira de ver de Gomes de Almeida, o que é que significa essa transferência? Significa uma opção baseado no voto útil. E o que é que, na conjuntura, representou o voto útil dos cedentes tão maciçamente manifestado?

Pois significa que, para a gente do CDS, era o PSD que estava executando e que melhor podia executar, o programa daquele partido.

Logo, estava aí o seu interesse do voto...

Segue-se uma dolorosa reflexão sobre a necessidade da existência do CDS. Parece que não. Parece que não se justifica. Pois se já há um partido da direita e esse governo está no poder...

Vem a propósito lembrar as repetidas afirmações públicas de Mário Soares, enquanto dirigente do PS, considerando o PSD um partido «genuinamente democrático...».

Isto prova que são outros, e não o PCP, que têm vindo a recuar de muralha em muralha. A questão essencial de princípios implica o seu ajustamento e nunca a sua flutuação.

Entendido? Compreendida a lição da História? Ou ainda não?

■ **Ulisses**

# Síntese semanal da IMPRENSA

## Ainda no rescaldo eleitoral

Os nossos dois primeiros recortes de hoje são dedicados ao esclarecimento dos projectos do Governo e o terceiro às tímidas recomposições ocorridas após as eleições no seio da área CDS. A revisão constitucional, para a qual é exigida uma maioria parlamentar de dois terços, será inevitavelmente uma pedra de toque do nosso futuro próximo.

## Os projectos do Governo: revisão constitucional à cabeça

• «Eurico de Melo disse ontem que não haverá caça às bruxas, ao ser entrevistado no programa "Nem mais nem menos", da Antena 1.

O vice-presidente do PSD sublinhou que o "Estado tem instrumentos de controlo para velar para que haja menos partidização da vida política nomeadamente a Assembleia da República e o Presidente da República", adiantando que Cavaco Silva "zelará, como sempre zelou, pelo critério de competência na atribuição de poderes".

Nesse sentido, o entrevistado sublinhou, referindo-se ao próximo Governo: "Vamos governar para todos os portugueses e isso significa que a prática que tivemos durante 18 meses são o testemunho daquilo que vamos fazer nos próximos anos."

Questionado sobre a próxima revisão constitucional, Eurico de Melo frisou que o "o PSD vai manter o diálogo com todas as forças políticas democráticas", adiantando que os dois terços necessários para se fazer a revisão constitucional "podem ser adquiridos com o PS". "Temos a certeza de que o PS vai cumprir o discurso político que fez ao eleitorado, negociar em consenso à revisão constitucional. Nós temos também o mesmo espírito", acrescentou.

O vice-presidente do PSD não deixou, no entanto, de precisar que, em seu entender, "a Constituição tem de ser modificada na sua estrutura, diminuindo o papel do Estado", acrescentando: "Lutamos pela iniciativa privada, mas no campo económico sob o controlo do Estado."

Considerando que os resultados eleitorais "são uma prova do sentimento de maturidade democrática do povo português", Eurico de Melo atribui a vitória do seu partido "à acção governativa e à figura carismática e credível do primeiro-ministro."

Para o ministro da Administração Interna, o PSD "não é um partido mercantilista", mas sim "um partido social", com características "de um partido de centro-esquerda". "Não queremos estatizar os meios de produção. A iniciativa privada deve ser politicamente conduzida nesse sentido, que é

de produzir riqueza e reparti-la", frisou.

Reforçando a ideia ao longo da entrevista à Antena 1, de que o PSD tem "um programa político moderado", Eurico de Melo deu como exemplo, a política para o sector industrial do distrito de Setúbal: "Queremos criar primeiro novas indústrias, que irão absorver a mão-de-obra excedente de outras empresas que vão ser modernizadas. Há que fazer essa redução e vamos fazê-la mas de uma maneira reformista, lenta, não revolucionária, de modo a poder absorver essa mão-de-obra."

(«Diário de Notícias», 26 Julho)

## Em Portugal alfabetizar não é prioridade

• «O Conselho de Alfabetização e Educação de Bases para Adultos (CNAEBA), há muito tempo inoperante, teve na terça-feira a sua última reunião. Este organismo governamental criado em 1979, e cuja acção se saldou numa grande ineficácia, vai ser agora absorvido pelo Conselho Nacional de Educação (CNE). Oficialmente, esta integração visa torná-lo mais operante. No entanto, os seus responsáveis parecem não acreditar muito nesse objectivo.

"O combate ao analfabetismo é uma questão de vontade política. Actualmente esta questão tornou-se bastante secundária na lista de prioridades do Ministério da Educação e, como tal, não há qualquer empenhamento nela", afirma Vasco Graça, membro do CNAEBA. Esta é, aliás, a principal causa apontada pelo organismo para o seu insucesso.

(...)  
Em 1981 — últimos dados disponíveis — eram analfabetos 20,3 por cento dos portugueses com mais de 15 anos. Embora entre 1979 e 1984 cerca de 32 mil adultos tivessem completado o ensino primário, aumentaram tanto o analfabetismo juvenil como o funcional, ou seja, a incapacidade de ler ou escrever devido à falta de prática durante muitos anos.»

(«Expresso», 25 Julho)

## Área CDS: recomposição

• «Adriano Moreira viu ontem confirmada a sua liderança do CDS. Confrontado no Conselho Nacional com uma oposição que o acusou de ser um "obstáculo à unidade do partido", Adriano Moreira colocou o seu lugar à disposição e suscitou um voto de confiança, o qual lhe viria a ser concedido pela confortável margem de 60 contra 29.

A partir daí pôde impor uma nova fórmula directiva (para substituir a Comissão Permanente demissionária) que pode ser qualificada de "solução dos presidentes". De facto, a nova Comissão Executiva que substitui a estatutária Comissão Permanente será constituída, numa primeira fase, apenas por presidentes: o do partido, o próprio Adriano Moreira, o do Congresso, Gentil Martins, o do Conselho Nacional, Martins Canaverde, e o do Conselho de Jurisdição, Manuel Machado. Numa segunda fase, serão integrados cinco vogais, que se pensa venham a ser negociados entre as diversas sensibilidades do partido. Para vários conselheiros, a "solução directiva" encontrada acaba por consagrar um "poder fortemente centralizado na pessoa de Adriano Moreira". Ainda que seja apenas uma fórmula transitória, acompanhada de uma "profunda reorganização dos órgãos locais", ninguém prevê que a liderança venha a ser posta em causa no próximo congresso ordinário do partido, a realizar nos finais de Janeiro ou princípios de Fevereiro de 1988. Apesar da solução de compromisso que representa a antecipação do Congresso (inicialmente marcado para Abril), Adriano conseguiu evitar a realização de uma convenção extraordinária, proposta rejeitada pelo Conselho Nacional de ontem.

A oposição ao actual líder centrista foi assim derrotada em todas as frentes. Basílio Horta e Nogueira de Brito, os homens mais em foco entre os que advogam a substituição de Adriano Moreira, passaram de novo "à reserva", esperando talvez por uma nova oportunidade.»

(«Diário de Notícias 26 Julho)

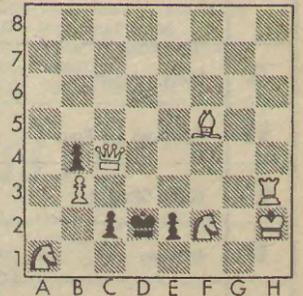
• «Nova democracia é a designação de uma recém-criada associação cívica, que, em Assembleia Geral, escolheu Francisco Oliveira Dias, Luís Barbosa e Teresa Costa Macedo para presidirem, respectivamente, à mesa da Assembleia Geral, à Direcção e ao Conselho Fiscal.

A Nova Democracia é, na sua esmagadora maioria, composta por membros fundadores do Centro Democrático Social (CDS) e da Juventude Centrista (JC), que há pouco deixaram de fazer parte do partido.»

(Idem)

# Xadrez

CXII - 30 de Julho de 1987  
Proposição n.º 112  
Por: IG Guidelli  
«L'Italia Scacchistica», 1920  
Pr.: [4] Ps. b4, c2, e2 - Rd2  
Br.: [7] Pb3-Csal, f2-Bf5-Th3-Dc4-Rh2



Mate em 2 lances

Jogo n.º 112  
12.º Open de Lugano, 1987  
Br.: G. Sax (H)  
Pr.: P. Nikolic (Y)

1. e4, e5; 2. Cf3, Cc6; 3. Bb5, a6; 4. Ba4, Cf6; 5. 0-0, Bc7; 6. Te1, b5; 7. Bb3, 0-0; 8. c3, d6; 9. h3, Te8; 10. d4, Bb7; 11. a4, h6; 12. Cbdz, Bf8; 13. Bc2, e4d4; 14. cd4, cb4; 15. Bb1, c5; 16. d5, cd7; 17. Ta3, c4; 18. Cd4, Db6; 19. Cf5, Ce5; 20. Tg3, Rh7; 21. Cf3, Bg8; 22. Cg7, fg7; 23. Ddz, Cbd3; 24. Bc3, Cd3; 25. Tg7+, Rg7; 26. Dh6+, Rg8; 27. Bc3, Dc7; 28. Bd4, f6; 29. Df6, Te7; 30. Dh8+ e as Pretas abandonam.

Solução do n.º 112

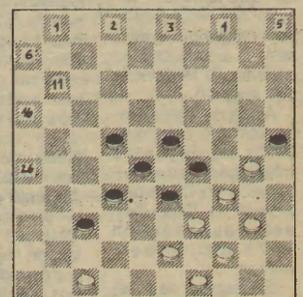
Chave: 1. Bg4!  
1. .... Rf1; 2. D:c2++  
1. .... Re1; 2. D:e2++  
1. .... C2c1=D; 2. D:e2++  
1. .... C2c1=C; 2. D:b4++  
1. .... e2e1=D; 2. D:c2++  
1. .... e2e1=C; 2. D:b4++  
(Tema Kopke)

Nota: Se o peão preto se promover em B haverá DUAL! Por ex: 1. .... c2c1=B; 2. D:b4 ou e2!  
Nos «dois lances» só interessam as promoções em C ou em D!

Nota: Se o peão preto se promover em B haverá DUAL!  
Por exemplo: 1. .... c2c1=B; 2. D:b4 ou e2!  
Nos «dois lances» só interessam as promoções em C ou em D!

■ A. de M. M.

# Damas



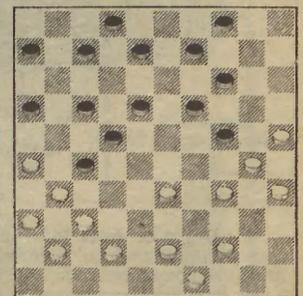
CXII - 30 de Julho de 1987

PROPOSIÇÃO N.º 112

Por: ? (1)  
Pr.: [8] 22-23-25-28-29-32-33-37  
Br.: [8] 30-34-39-40-43-44-47-49  
Jogam as brancas e ganham

GOLPE N.º 112  
Campeonato da França, 1978  
Br.: Biagioli  
Pr.: Issalène

Pr.: [14] 2-4-6-7-8-9-14-16-17-18-19-22-24-27  
Br.: [14] 25-26-30-31-33-34-35-36-37-41-42-43-44-49  
Jogam as pretas e ganham de golpe



SOLUÇÕES DO N.º CXII

N.º 112 (autor: ? Publicado na Crónica n.º 38, 1979-II.4, com a indicação: «Nous ne connaissons pas l'auteur de ce problème...»): 47-42 (37x48=D) 40-35 (29x40) 39-34 (48x50) 35x44 (50x39) 34x43 (25x34) 43-39 (34x43) ou (33x44) 49x38+  
Golpe n.º 112 (DI): (17-21) 26x28 (18-22) 28x17 (9-13) 31x22 (13-18) 22x13 (14-20) 25x23 (8x48) 30x19 (48x26)+

■ A. de M. M.